



# AJA

*Histórias  
para contar*

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - AJA

Franca - SP  
2017

# AJA

## HISTÓRIAS PARA CONTAR

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- AJA

Organização: Rita Mozetti

Franca - SP  
2017

**Prefeitura de Franca**

**Secretaria Municipal de Educação**

**Alfabetização De Jovens E Adultos - AJA**

**AJA**

# **Histórias para contar**

Organização: Rita Mozetti

Franca - SP  
2017

**REALIZAÇÃO**  
**Prefeitura Municipal de Franca**  
**Secretaria Municipal de Educação**

**PREFEITO**  
**Gilson de Souza**

**Vice-Prefeito**  
Frank Sérgio Pereira

**Secretário Municipal de Educação**  
Edgar Ajax dos Reis Filho

**Coordenadoria de Educação**  
Renata Cristina Mantovani Natal

**Coordenador de Planejamento e Gestão**  
Thiago Menezes Granzotti

**Diretora de Gestão Educacional**  
Tamara Eugênia Coelho Raiz Plácido

**Diretora da Divisão de Gestão Educacional**  
Ana Maria Aparecida Bisco

**Diretora de Alfabetização de Jovens e Adultos**  
Rita Marta Mozetti Silva

---

Franca: AJA Histórias para contar – 2018

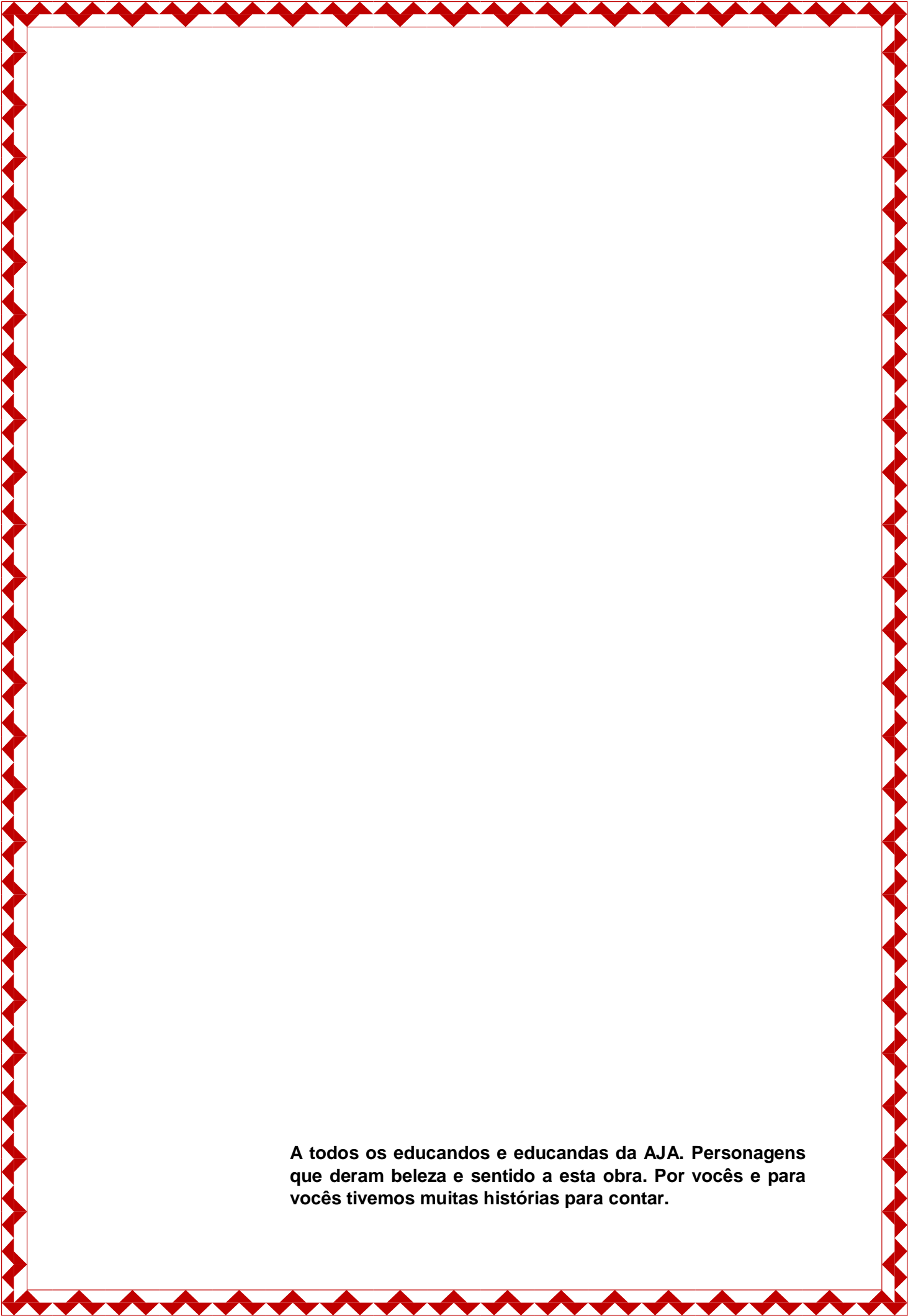
122 Páginas

1. Literatura Brasileira – Contos e Poemas
  - I. Título

**MOZETTI, Rita (organização)**

---

**Revisão e Arte: Isabella Mozetti**



**A todos os educandos e educandas da AJA. Personagens que deram beleza e sentido a esta obra. Por vocês e para vocês tivemos muitas histórias para contar.**

## **SABER VIVER**

Cora Coralina

Não sei... Se a vida é curta  
Ou longa demais pra nós,  
Mas, sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o  
Coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

    Colo que acolhe,  
    Braço que envolve,  
    Palavra que conforta,  
    Silêncio que respeita  
    Alegria que contagia,  
    Lágrima que corre,  
    Olhar que acaricia,  
    Desejo que sacia,  
    Amor que promove.

    E isso não é coisa  
    De outro mundo,  
É o que dá sentido à vida.

    E o que faz com que ela  
    Não seja nem curta,  
    Nem longa demais,  
    Mas que seja intensa,  
    Verdadeira,  
Pura... Enquanto durar.

**AJA HISTÓRIAS PARA CONTAR** é uma obra escrita pelas educadoras da Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA), da Secretaria Municipal de Educação de Franca. Durante a leitura, encontramos situações muito interessantes que nos mostra a importância da alfabetização.

A Alfabetização é um direito de todos, um instrumento de evolução pessoal, desenvolvimento humano e social que conduz à cidadania. O educando ao ser inserido na compreensão do sistema de escrita e letramento, adquire também a liberdade e oportunidade de expressar suas ideias, seus sentimentos, sentindo-se apto para agir e reagir, duvidar, opinar e questionar.

A AJA de nosso município tem como um de seus objetivos propiciar às pessoas o direito à educação de qualidade e aprendizagem ao longo da vida, tornando-as mais participativas em sociedade, eliminando barreiras e superando limites. Os educandos tornam-se mais confiantes em suas capacidades e conquistas.

Com base nessa premissa, esse grupo de educadoras está em busca da sua própria reconstrução e a do outro a quem dispõe a ensinar, aprendendo sempre. Relatam vivências e, a cada página, nos encantam e nos motivam a acreditar podemos alcançar nossos ideais.

Os contos e poemas que vem sendo resgatados pela Alfabetização de Jovens e Adultos, são instrumentos criativos e de exploração que podem ser utilizados por outros educadores como caminhos didáticos, permeados de ludicidade e encanto, além de propiciar o fazer educativo cheio de significação e envolvimento. Educadores que compreendem, que saber é compartilhar com os outros, e assim abrem novos caminhos.

**Edgar Ajax dos Reis Filho**  
**Secretário Municipal de Educação**

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (Paulo Freire)*

Nunca é tarde para aprender, nem tão tarde para ensinar. O significado de cada letra, cada palavra cada linha deste livro é muito maior do que as próprias palavras escritas dizem. É a realização de um sonho, um sonho realizado que transforma o modo como cada um desses novos escritores enxergará a vida de agora em diante. Sonhos nunca acabam, os sonhos mudam.  
Parafraseando Paulo Freire: *“Meu sonho de sociedade ultrapassa os limites do sonhar que aí estão”*.

**Renata Cristina Mantovani Natal**  
**Coordenadoria de Educação**



## PREFÁCIO

*“As palavras voam... E as vezes pousam”  
Cecília Meireles*

- Mãe, quando eu crescer quero ser professora – disse para minha mãe, dentro de um ônibus que ia de Franca à Patrocínio Paulista/SP, cidade em que mamãe lecionava.

Enquanto viajávamos eu ia apreciando a paisagem e ouvindo as histórias da dona Edith. Ela também cantava, e *“Menino da Porteira”* era nossa canção preferida. Na época, a viagem até a vizinha Patrocínio parecia longa e aproveitávamos cada momento.

A manhã toda acompanhava minha mãe dar aulas e eu queria aquilo para mim: “Quero ser professora”. Enquanto alunos e professora descansavam no recreio, eu assumia a sala de aula, pegava o giz, um livro de Português e fazia de conta. Naquele momento, eu era a professora e na minha imaginação, aquelas carteiras vazias, estavam cheias de crianças.

Cresci, em meio aos livros. A Pedagogia firmou minha vocação. Me tornei professora. Há vinte anos no magistério, tenho certeza de que tomei a decisão certa. Tenho orgulho da professora que sou e da professora que serei.

Iniciei como professora em escolas rurais, classes multisseriadas, onde eu tinha que transportar os alunos em meu carro até à escola. Já abri a gaveta da mesa do professor e um rato pulou lá de dentro, um morcego parecia assistir minhas aulas, pois todos os dias ele estava pendurado entre uma ripa e outra no alto do teto. Da janela da sala eu via as vacas, os cavalos, mas também árvores e flores. Ainda consigo sentir o cheiro de mato, o frescor do vento e ouço até o silêncio que tranquilizava, mas que também assustava.

Modestamente, foi nesta época que fui apresentada às obras de Paulo Freire, e tive a feliz oportunidade de assistir a uma palestra de Madalena Freire. Durante a palestra me emocionei diante de cada colocação, e ao final, fui até ela, um abraço que vinha com os dizeres não pronunciados, mas desejados “um dia quero ser assim, realizar sonhos de pessoas que por vários motivos não tiveram

o direito da alfabetização garantido”. E parece que Freire ouviu meus pensamentos. A partir de então, jamais fiquei indiferente a questão do analfabetismo.

Das escolas de fazendas para as escolas da cidade. Assim, fui exercendo minha profissão.

No ano de 2006, minha vida se transformava. Resolvi que queria algo novo e pedi demissão da escola particular onde trabalhava há seis anos. Foi difícil entender o motivo da decisão, pois eu era muito querida por todos, mas nem eu mesma sei como tudo aconteceu. Simplesmente desisti, mesmo sem ter outro trabalho em vista. Mas, um telefonema mudaria minha vida. A Secretaria Municipal de Educação me convidava a assumir a coordenação do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de Franca/SP.

Não hesitei, não pedi tempo para pensar, apenas aceitei e comecei. Não escolhi a Alfabetização de Adultos, fui escolhida. Será? Será que não foi naquela conversa informal e despreziosa que tive com Freire? Pode ser. Assumi em 2006 e atualmente sou diretora de Alfabetização de Jovens e Adultos do município de Franca.

Neste tempo me dedicando a AJA vários momentos marcaram minha trajetória: um grande encontro anual de educandos, mostras e exposições de trabalhos, a formação da equipe de professores, palestra com o Dr. Moacir Gadotti, a troca do documento de identidade em que a expressão “analfabeta” dá lugar a uma linda e significativa assinatura no RG, passeios culturais, aulas dinâmicas; a equipe AJA já foi homenageada pela Câmara Municipal, publicamos periódicos com ações desenvolvidas, lançamos um Almanaque de Boas Práticas, livros de poemas, compusemos verdadeiros hinos em homenagem à AJA... Alfabetizamos educandos que nos deixaram ensinamentos:

Com dona Manu aprendi que independente dos problemas é preciso lutar sempre e não se deixar abater demais, pois o tempo não para.

Fascinante ver o Senhor Nilson descobrir o próprio nome “O que? Meu nome não é Nirso? Mas todo mundo só me chama de Nirso”.

“Diretora, a senhora me arruma uma carteira de estudante para eu colocar na minha casa? Assim fica parecendo um pedacinho da escola e estudo melhor”.

Teve o telefonema da filha da Dona Nair: “Diretora, a senhora sabe onde está minha mãe? Ela não chegou em casa depois da aula, já faz uma hora que ela deveria ter voltado”.

Preocupados, fomos procurar Dona Nair e para nossa surpresa a encontramos sentada em um ponto de ônibus, mas ela se explicou: “Nem vi a hora passar, acontece que passou um ônibus, eu consegui ler a placa. Me empolguei e fiquei. Diretora, estou aqui lendo as placas de todo ônibus que passa, já li mais de dez”.

E o Vinicius que após pegar seu certificado de escolaridade abraçou o documento com tamanha força e lágrimas escorreram: “Eu consegui, tenho um certificado. Sou alfabetizado”.

Tantas histórias.... Por isso, resolvemos abrir nosso baú. Neste livro, cada professora contou um pouquinho das experiências vividas na AJA. Contos e poemas e contos que são verdadeiros poemas.

Professoras, recordam-se de quando a ideia de escrevermos este livro foi lançada? “Mas Rita, o que iremos escrever? ” Posso dizer orgulhosamente que vocês cumpriram com êxito mais este desafio. Escreveram. E ao exemplo de nossos alunos, limites foram superados. Voamos alto, nos tornamos escritoras.

Enfim, AJA HISTÓRIAS PARA CONTAR.

**Rita Marta Mozetti Silva**

## SUMÁRIO

REALIZAÇÃO DE SONHOS .....	14
APENAS QUARENTA DIAS.....	16
ANJOS NA TERRA.....	18
O POETA .....	20
QUEBRANDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES.....	22
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS.....	24
COMO NÃO SE ENCANTAR? .....	26
SER PROFESSORA.....	28
ALFABETIZAR ADULTOS.....	29
VENCENDO OBSTÁCULOS.....	31
A TRANSFORMAÇÃO DE VIDA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....	34
O QUE DESPERTOU FOI A FÉ .....	36
FAZER O BEM.....	37
BASTA ACREDITAR .....	39
GRATIDÃO .....	41
O VIOLINO.....	43
RAZÕES PARA ACREDITAR .....	45
OS CAMINHOS DE UMA VENCEDORA.....	48
A ARTE DE EDUCAR ADULTOS .....	50
LIÇÃO DE VIDA.....	52
AS MENINAS DA AJA.....	54
SER EDUCADORA REQUER CONHECIMENTOS, MAS TAMBÉM MUITOS SONHOS.....	55
MARIA APARECIDA .....	58

<b>DESAFIO .....</b>	<b>61</b>
<b>A DESCOBERTA.....</b>	<b>62</b>
<b>APRENDIZADOS PARA UMA VIDA .....</b>	<b>65</b>
<b>A CARTA .....</b>	<b>67</b>
<b>QUE HORAS SÃO?.....</b>	<b>69</b>
<b>AS AUTORAS.....</b>	<b>71</b>
<b>MÚSICAS.....</b>	<b>80</b>
<b>ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS .....</b>	<b>83</b>

## REALIZAÇÃO DE SONHOS

Adelice Maria Silva Dezem.

Brincar de escolinha era a minha melhor brincadeira; brincadeira que se tornou a realização de um grande sonho. No começo tudo foi muito difícil, mas para quem tem vontade tudo é questão de persistência. Particpei de muitos cursos, concursos, estudo, estágios, substituições, mas como disse Fernando Pessoa, “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Meus alunos também são assim: persistentes, lutadores e mesmo com a vida repleta de desafios buscam realizar o sonho de aprender a ler e a escrever e para que o sonho seja alcançado não medem esforços. Mesmo cansados, alguns com adoentados, enfraquecidos pelos problemas diários nunca desistem, apenas persistem.

Alguns trazem consigo sonhos mais simples, outros sonhos mais audaciosos. Acredito que são os sonhos que os movem.

Ouçõ meus alunos dizerem os motivos que os fizeram parar de estudar, ou motivos que os levaram a nunca ter frequentado uma escola:

“Professora, eu precisava cuidar dos meus irmãos menores. Meus pais viviam na roça”

“Estudar? Nem sabia o que era uma escola, eu conhecia bem era a enxada”.

Entre tantos depoimentos a tristeza às vezes teima em chegar, mas nada que um bom desafio matemático ou uma boa leitura não resolva. A tristeza, logo dá lugar à alegria do aprender.

Fico maravilhada com a força de vontade que eles têm. Me sinto valorizada como professora. As descobertas acontecem a cada dia e diante delas parecem crianças descobrindo as coisas do mundo.

Recordo-me de Dona Amélia. Depois de muitos longos anos, ela descobriu que seu nome tem acento na sílaba “me”.

- Professora, numa coloquei este acento em cima do me. Quer dizer que Amélia se escreve com esse tal de acento?

Também já ouvi frases como: “Ah, professora! Sabão em cabeça de burro velho não espuma. É difícil demais juntar essas letras”.

- Esfrega com força que espuma, sim - Respondo a eles.

Teve também a Dona Manuela, a qual a apelidamos carinhosamente de “cabelinho de anjo” devido ao seu cabelo branco e todo encaracolado. Ela dizia:

- Cada dia aqui na escola levo um tanto de aprendizado para casa.

E vem o Senhor Vicente, com 73 anos bem vividos e confessa orgulhoso que conseguiu pela primeira vez assinar os documentos do sítio: “Professora, nunca escrevi tanto o meu nome na vida”.

A vida passa rapidamente, alguns destes alunos são apenas saudades, mas os ensinamentos que deixaram permanecem vivos comigo e mantêm firme a minha crença na profissão que tenho.

## APENAS QUARENTA DIAS

Adriana Peixoto da Silva

Eles vieram de Pernambuco. Casados, ambos com sessenta anos de idade e com um mesmo propósito: queriam estudar. A impressão que tive foi que se tratava de um casal com muito conhecimento de mundo e sabedoria.

Ele pedreiro, lê e escreve sem dificuldades, fala solta, conhecedor de vários assuntos. Craque no cálculo mental, as operações resolvem com certa rapidez. Mesmo diante de tantas habilidades, percebi também ausência de autoestima “Estou desempregado, professora. Só tenho o dia e a noite”.

Ela uma mulher bonita, cabelos pretos feito uma índia, de pouca conversa, mas de palavras certeiras. Ortografia impecável, ela refletia sobre a escrita. Nas aulas de matemática, me corrigia: “Professora, a senhora esqueceu este número”.

Logo no primeiro dia de aula, entreguei a eles o kit de material, pois chegaram à escola sem lápis, caneta ou borracha e no final da noite, vieram agradecer: “Professora, queremos agradecê-la por nosso primeiro dia de aula”.

E o casal se tornou presença constante nas aulas, sem faltas, dinâmicos, ativos e participativos. Mas, ficaram comigo por poucos e rápidos quarenta dias. Teve uma noite que cheguei e os encontrei abraçados me esperando no portão. Senti que se tratava de uma despedida: “Professora, vendemos tudo que tínhamos aqui, só nos sobrou dois mil reais e nossas coisinhas couberam em apenas uma mochila. Vamos para Santa Catarina, lá para Jaraguá do Sul”.

Eu apenas os ouvia: “Não temos mais como pagar o aluguel, até a viagem vamos ficar na rua. Viemos devolver o kit escolar, pois não vamos precisar mais, deixa aqui, logo outros alunos virão”.

Devolveram o kit pensando em que outros poderão reutilizá-lo, com tanto conhecimento de vida ficarão na rua aguardando a viagem para o sul em busca de oportunidades. Despediram-se dos colegas e me abraçaram pela última vez.



Mas, toda aquela delicadeza de palavras e ações permanecem comigo e ainda mantenho firme a promessa que me fizeram: “Nós voltaremos para continuar a estudar”.

## ANJOS NA TERRA

Andréia Rodrigues Thimóteo

“Uma sala de aula especial que precisa de uma professora especial.” Confesso que naquele momento não entendi o enorme significado desta frase, mas marcou o início da minha trajetória profissional na AJA.

Iniciei meu curso de magistério aos quinze anos no CEFAM, inspirada por uma professora de Geografia que tive quando estava na oitava série e que me incentivou a abraçar essa carreira. Em 2002, ingressei na Prefeitura e por alguns anos trabalhei com a alfabetização de crianças em dois turnos: manhã e tarde.

Quando me desliguei de um dos cargos, decidi tentar uma vaga na Alfabetização de Jovens e Adultos, mas para ser muito sincera, não sabia exatamente o que esperar e no dia da atribuição, fui escolhida para assumir uma das salas de AJA.

Ao chegar para meu primeiro dia de trabalho e adentrar aquela sala, recebi um dos maiores presentes e também desafios da minha profissão e, a partir daquele dia, também me tornei “especial”, pois fui acolhida não apenas como professora, mas como amiga companheira de jornada e também no coração de cada aluno.

Meus alunos adultos buscam se alfabetizar para realizar sonhos: aprender a ler e escrever, cursar uma faculdade, tirar carteira de habilitação, arrumar um trabalho, ou seja, para se tornarem cidadãos realmente ativos e participativos na sociedade.

Após alguns anos junto deles, vejo que já deram alguns passos rumo à realização desses sonhos, pois estão mais participativos, menos tímidos, superaram muitos medos e ansiedades e acreditam na capacidade de aprender.

Nesse tempo já tivemos vários momentos marcantes: as nossas festas juninas, as viagens à Casa de Portinari, ao bosque de Ribeirão Preto, ao Museu dos Dinossauros em Peirópolis, os passeios dentro da nossa cidade, os desfiles de sete de setembro, as festas de aniversário para comemorar a vida de cada aluno, os cursos que participamos, a prova de escolaridade que fez a felicidade de muitos e tantos outros.

Vale também aqui destacar, um acontecimento triste: o AVC de um dos meus alunos, que o fez perder alguns movimentos e o tirou da escola.

Quando ouço um dos meus alunos dizer que não consegue nem pensar na possibilidade de um dia eu deixar de estar junto deles, apenas sorrio, pois sei que ele não faz ideia do quanto eu aprendi mais do que ensinei nestes anos todos junto deles: aprendi a ser mais humilde, a valorizar mais a vida e cada conquista, por menor que ela seja, aprendi a ser forte porque muitas vezes eles dependeram da minha força, aprendi a me doar mais e a demonstrar mais sentimentos, afinal é impossível não retribuir tudo que recebo.

Estar na AJA e fazer parte dessa equipe de grandes profissionais é uma grande honra e também um grande presente que sempre traz desafios, mas também faz crescer muito, tanto profissionalmente quanto como ser humano. E para aqueles que pretendem fazer parte desse universo, deixo apenas um recado: só se aventure se estiver disposto a se doar de todas as formas e maneiras possíveis.

Atualmente, entendo perfeitamente a frase que ouvi naquele primeiro dia, pois sem dúvida, meus alunos não são apenas especiais, eles são verdadeiros Anjos na Terra.

## O POETA

Andressa Claudia de Castro Pimenta

Após seis meses trabalhando no AJA, fui surpreendida com um poema escrito pelo aluno Irineo, de sessenta e cinco anos de vida.

Com sorriso largo, olhos brilhantes, esperto e receptivo, chegava à escola de mãos dadas com a esposa. O casal vinha para a aula juntos, um motivava o outro. Unidos em casa e na escola.

Certa noite, eles conseguiram me comover. Senhor Irineo, como sempre entra na sala muito falante e extrovertido, mas naquela noite, senti que ele estava diferente, pois trazia consigo um dos presentes mais significativos que ganhei.

Pediu licença para entrar na sala de aula e foi dizendo:

- Professora, atrasei, porque estava terminando uma surpresa para você. Escrevi um poema de minha autoria e gostaria de ler. Eu e os colegas de sala estamos entristecidos com sua saída. Sabemos do problema que a senhora está passando, por isso estamos tentando aceitar e compreender.

Eu estava deixando as aulas da AJA por motivos particulares, eu sentia a mesma tristeza que eles, mas era preciso me manter firme na decisão.

O poeta estava com as mãos trêmulas, não tirava os olhos da escola, ele parecia pedir forças a ela. Ele se dirigiu até a frente da sala, tirou de dentro da pequena carteira um papel colorido e com várias dobras. Suspirou, respirou fundo e iniciou a leitura.

### **Professora Andressa**

Um ano que passou e o outro que vai chegando  
Tudo que ficou para trás não devemos lembrar  
Só devemos ter saúde para comemorar.

Nós, Irineo e Valmira desejamos  
A professora Andressa muitas felicidades  
Pedimos que você  
Continue a ser esta professora que trabalha

Com todo seu carinho  
Deus ilumina o seu caminho

Professora, você realmente pensa nos seus alunos  
E faz com que todos  
Tenham pensamentos positivos.  
Agradecemos a AJA pela oportunidade de estudarmos.  
Mais uma vez do fundo dos nossos corações  
Continue sendo essa pessoa especial  
E assim como diz poeta:  
*Amor não se compra e nem se vende  
O amor se constrói em abraços.*

O poema faz com que eu queira recomeçar e fazer a diferença na vida de todos os educandos que a mim são confiados a cada ano. Um poema assim, fica para sempre.

## QUEBRANDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES

Eloiza Cristina Roncari Piccioni

Nas minhas lembranças ainda trago meus primeiros anos de estudos realizados na zona rural. Era meu sonho ler e escrever e brincar de escolinha fazia meu tempo passar, eu sempre era a professora. Infelizmente não tenho boas recordações do tempo de escola, pois acredito que não fui bem trabalhada quanto a leitura e escrita. Eu era uma criança que sentia medo de ler e escrever.

Mas uma professora fez a diferença em minha vida, ela era cativante, me fazia elogios, era acolhedora, sabia como ensinar e tirar minhas dúvidas. Ela contava lindas histórias. Assim, recuperei minha autoestima e nunca me esqueci dessa mestra.

Ao me formar, fui trilhar o caminho escolhido que é ser Professora. Como em toda profissão surgem as incertezas e angústias, mas, penso que os desafios precisam ser enfrentados e superados. Tento ser aquela professora que acolhe cada educando, fazendo com que queiram estar na escola. Todos meus alunos têm mais de sessenta anos de idade e percebo que todos têm muito orgulho de estarem estudando. Fico encantada com o modo que eles cuidam do material escolar, do capricho com que utilizam os cadernos e do respeito que têm comigo.

O professor precisa sempre pensar na melhor estratégia para ensinar, cativar e encantar. Aprender a ler e escrever não é tarefa fácil e ensinar requer colocar muitas habilidades em prática, mas é também uma arte.

Estou na AJA há mais de seis anos, me identifico muito com este trabalho e com a realidade vivida pelos alunos, pois eu também, quando criança e jovem tive que passar um período de quatro anos fora da escola para auxiliar meus pais com o trabalho na roça. Portanto, sei o que eles viveram e entendo também o quanto a escola é importante.

Dentre muitos projetos desenvolvidos na AJA, destaco a escrita de cartas. O adulto chega à escola com o sonho de poder sentar e escrever de maneira autônoma uma carta seja para um amigo ou parente distante. Trocamos correspondências entre meus alunos e crianças de 5º ano de uma escola

estadual. “Professora, vamos escrever uma carta para uma criança? Ela vai ler mesmo? Então preciso escrever direitinho, sem erros, com letra bonita...” “Meu sonho era escrever uma carta, nunca pensei que fosse conseguir”.

Concluo com aqui um verso do poema: “Das Pedras” de Cora Coralina: “Quebrando pedras e plantando flores”... Assim são os alunos da AJA, enfrentam dificuldades e realizam sonhos.

## MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Genoveva de Jesus Honório Nazar

Todo professor traz em seus guardados, baú de histórias, ou seria de memórias? Fatos tecidos pelo tempo, que vão sendo emoldurados ao longo da vida.

- Bom dia moça! É aqui que posso dar o nome para estudar?

Respondi a ele que sim, disse ainda que era muito bem-vindo e pedi a documentação para efetivar a matrícula.

Chamou-me a atenção a assinatura impecável que ele trazia no RG, elogiei a letra.

- Sabe professora, essa carreirinha de letras, não significa nada para mim, apenas sei assinar meu nome nada mais.

Percebi na expressão de seu olhar que trazia uma certa tristeza e constrangimento. A assinatura na identidade era dele, a letra era bonita, mas como ele mesmo disse: de nada adianta, para ele apenas letras em carreirinhas.

- Professora, meu pai era um fazendeiro, dono de muitas terras, éramos uma família numerosa, eu era um dos filhos mais novos. Como não podíamos ir com frequência para a cidade, arrumaram uma professora para lecionar na fazenda. A professora dava aula e em troca a gente dava casa e comida como retribuição.

Eu continuava a ouvi-lo, afinal, histórias de vida são importantes:

“Professora, no terceiro mês de aula, o mundo das letras foi me encantando e fui deixando de ajudar meu pai na lida; e ele não gostando de perder meus serviços, resolveu dispensar a professora, alegando ser melhor eu trabalhar na roça. Meu pai dizia que filho estudado era preguiçoso. Minha mãe, juntamente com a professora tentaram interceder por mim, mas meu pai era pura teimosia. E lá se foi parte da minha vida, no lombo de um burrinho; também a forma pelo qual ela foi embora da fazenda. A fessorinha foi embora montada em um burrinho. De lá pra cá, foi só labuta, trabalho pesado de sol a sol. Com isso, pude ajudar meu irmão caçula a estudar, sendo o único da família a ter essa



oportunidade. Aí, depois de alguns anos me casei e continuei tomando conta da fazenda, até meu pai vender as terras. Constitui minha família, lutei muito para estudar meus filhos e consegui que todos tivessem boa formatura”.

Diante daquele emocionante relato, constatei que as pessoas não desistem de seus sonhos, apenas os prorrogam, muitas vezes por um período longo.

Acredito que o professor tem que ter muita sensibilidade e cuidado para não apenas inserir o aluno no mundo das letras, dos cálculos, mas o de incluí-lo no mundo escolar buscando sua história, suas vontades, seu querer, fazendo-o acreditar que tem motivos para prosseguir e redesenhar sua vida da forma que sonhara um dia.

## COMO NÃO SE ENCANTAR?

Gracia Regina Gonzales Oliveira

Tentei a Medicina, mas em determinado momento desisti.  
Aceitei a sugestão da minha mãe  
O magistério segui.

Na cidade de São Paulo  
Fui ser professora  
E operadora de máquinas  
Turno dobrado.

Namorei, casei  
E o marido dizia que  
Trabalhar eu não iria  
“Agora não, deixa para depois”

Mas foi em Minas Gerais  
Que outro concurso prestei  
Por trinta anos ao magistério me dediquei  
Aposentei.

São Paulo, Minas Gerais...  
Mas foi para Franca que voltei.  
Professora sempre foi minha vocação  
Durante o dia o ensino é voltado para as crianças  
A noite o ensino dedico aos jovens, adultos e idosos

O trabalho na AJA é de verdade gratificante  
“Professora, quero é tirar minha habilitação e sair por este mundão”  
“Professora, ser analfabeto é humilhante”

Sinto-me valorizada

Se me ausento  
Eles sentem minha falta  
E se eles se ausentam  
Deles eu sinto falta.  
“Professora, pode deixar amanhã eu não vou faltar”

O Senhor Luís é um dos educandos que se destaca  
Toca violão  
Alegra as aulas com sua canção  
Se orgulha de ser alfabetizado  
“Professora, hoje leio todas as partituras”

Como não se encantar?

## SER PROFESSORA

Jânia Estela da Silva

Eu queria mesmo era ser professora  
Minha irmã mais velha sempre foi minha inspiração  
Me tornei alfabetizadora  
Primeiro com as crianças  
Depois vieram os adultos.

Educar é um ato de amor  
Vai além do conhecimento  
Realizamos sonhos e transformamos vidas.

Estreitamos laços  
Construímos pontes  
Oferecemos asas para os educandos voem.

Um dia tímidos, inseguros, cabisbaixos, humilhados  
No outro  
Constroem o saber  
E se tornam fortes, seguros e letrados.

O documento já pode ser lido e assinado  
A leitura já pode ser compreendida e interpretada  
O mundo então  
Se amplia

E eu ali  
Novamente oferecendo asas  
É o meu modo de ser Professora.

## ALFABETIZAR ADULTOS

Juliana Rezende Ganzaroli

Sempre tive o sonho de trabalhar com a Alfabetização de Jovens e Adultos, por várias vezes procurei informações para eu me inscrever como professora na AJA. O desejo de trabalhar com alfabetização de adultos era grande.

No ano de 2016, comentando na escola onde estava trabalhando no ensino regular sobre minha vontade, um estagiário disse que era para eu conversar com a Rita e me passou o telefone de contato.

Enfim, fui convidada a participar da tão sonhada equipe de professores da AJA. Preparei minha aula, um pouco apreensiva, pois era muito diferente preparar aula para adultos. Os adultos sabem o que querem e estão na escola por vontade própria, desejam aprender e reconhecem a falta que a escola faz na vida de todos.

Medo, alegria, entusiasmo marcaram meus primeiros dias de professora da AJA, mas acredito que deu tudo certo, pois os alunos retornaram no dia seguinte. Será que eles não perceberam que eu estava nervosa?

Um ano já se passou, mas ainda preparo minhas aulas com o mesmo entusiasmo do primeiro dia, pois o trabalho na AJA é muito envolvente, não tem nada mais gratificante do que ouvir:

“Professora, eu não pego mais o ônibus errado”.

“Professora, eu ainda não sei ler direitinho, mas já consigo saber em que rua estou e não me perco mais”.

“A escola me tornou uma pessoa melhor, hoje consigo conversar com as pessoas, antes tinha vergonha de tudo. Ser analfabeto é triste demais”.

“Já consigo ler a Bíblia, foi por este motivo que entrei na escola”.

“Estou trabalhando em uma lanchonete. Já conheço as palavras e identifico os lanches pelos nomes”.

Acredito que todo professor tinha que passar pela experiência de lecionar para a Alfabetização de Jovens e Adultos, pois é onde o professor se sente valorizado, amado, e estimulado a investir em conhecimento e aperfeiçoamento. O professor deve estar em constante formação, para que o

ensino faça a diferença na vida dos educandos que a nos são confiados a cada ano.

## VENCENDO OBSTÁCULOS

Kamila Lis Ferreira

Na alfabetização de adultos não tem como não se emocionar com cada história de vida e superação enfrentada pelos alunos e com cada conquista. Compartilhar dessas experiências é uma oportunidade de crescimento não só profissional, mas pessoal, podemos ver as dificuldades enfrentadas por eles e de como a grande maioria não desiste.

Iniciando como professora Alfabetizadora de Adultos deparei-me com várias realidades que me fizeram ver a vida por outra perspectiva, pois às vezes não lutamos por nossos objetivos e nestes alunos encontramos verdadeiros guerreiros. Que a cada dia, mesmo cansados pela exaustão do trabalho e uma rotina com vários problemas a serem resolvidos se propõem comparecer à escola, para atingir o ideal de conseguir o diploma. Enfrentando críticas às vezes até de seus familiares, que não apoiam a decisão que tomaram de voltar para escola. Tornando-se um desafio maior ainda a realização desse sonho, tão necessário à prática social.

Nesse exercício docente, tive a oportunidade de lecionar para alunos com mais de 70 anos de idade, que após a lida do dia a dia, ainda se encontram motivados e chegam para as aulas trazendo alegria e esperança no olhar. E, nem sempre tem o apoio necessário para conseguirem comparecer à escola e enfrentam obstáculos, para alcançar seus objetivos de conseguir ler, escrever e fazer contas de forma autônoma. Conseguir usar ônibus sem precisar de ajuda, tirar carteira de motorista entre tantas outras necessidades práticas da vida cotidiana. São pessoas que decidiram depois de anos, ausentes de qualquer contato com a vida escolar, voltar a estudar, buscando conhecimento e persistem em seus propósitos, apesar das dificuldades que encontram pelo caminho.

São pessoas adultas que em conversas revelam que tiveram por várias vezes a infância e a oportunidade de estudar “roubadas” pelo trabalho na roça ou até mesmo por não ter uma escola perto de casa. Foram privados de frequentar a escola na idade certa, porém não deixaram que essas defasagens influenciassem negativamente suas vidas, mas fizeram dessas mazelas sociais, lições de vida, para eles mesmos e seus familiares.

Nessas ricas oportunidades de conversar com alunos, ouvi de um deles, que o neto estava fazendo uso de drogas e tirando assim o sossego da família. Por esse motivo, ele teria que sair da escola, pois estava uma situação insustentável. Os olhos lacrimejaram enquanto falava sobre o assunto; e mesmo com uma história lamentável como esta, ele ainda me disse que estava muito triste, por ter que sair da escola e que não queria fazer isso; mostrando a satisfação em estudar e a tristeza em ter que largar o tão sonhado estudo, que chegou em sua vida tardiamente.

Marcou-me a fala de outra aluna, no momento da entrega do kit escolar. Ela emocionada, disse que nunca tivera lápis de cor, cadernos, canetinhas... E que sempre comprou para os filhos com contentamento, pois estava garantindo que eles tivessem a oportunidade que ela não teve de estudar. Mas, naquele momento ao ver aquele kit sentiu-se feliz e que proibiria os filhos e netos de pegá-lo, afinal, pensou a vida inteira comprando para os filhos e agora o momento era dela e que não dividiria seus materiais escolares com ninguém.

Realizamos uma viagem escolar com os estudantes da Alfabetização de Jovens e Adultos ao Museu do Dinossauro em Peirópolis – MG, viagem proposta para aproximar os alunos da história desses gigantes que habitaram a terra e pude notar a satisfação de cada um, deixando nítido o desejo de aproveitar a oportunidade que nunca tiveram de passear com a escola. Cada detalhe deixava transparecer o contentamento, desde o lanche preparado com carinho por todos, até os olhares ansiosos pela espera do ônibus, para a tão sonhada viagem que proporcionou momentos de descontração e aprendizado. A atenção que dispensaram a cada fala dos palestrantes, fotos entusiasmadas, conversas informais e interação entre todos.

No momento de descanso após o almoço, os alunos foram descansar atrás do restaurante e lá até brincaram no parque do estabelecimento. Voltando a ser crianças cheias de vigor; o cansaço era notório no rosto de todos, mas em nenhum momento houve reclamações, pelo contrário elogiavam o passeio. Não se deixaram abater.

No retorno, vieram conversando e muito animados. Essa animação pôde ser vista até mesmo na semana seguinte de aula, pois continuavam contando e falando sobre a viagem e já estão programando a próxima. Foi uma satisfação compartilhar estes momentos ao lado dos meus alunos.



A vida torna-se mais significativa, quando se tem sonhos, e é exatamente o que cada aluno busca quando decide voltar a estudar, e cada conquista se torna grandiosa.

## **A TRANSFORMAÇÃO DE VIDA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Lidiane Cristina Domingos Melo

Viver é maravilhoso, mesmo com todos os percalços que a vida nos coloca para aprendermos a valorizar o que antes passava despercebido aos nossos olhos. A vida precisa ter sentido e para mim ela só é plena quando podemos fazer a diferença na vida de outras pessoas.

Como é bom fazer o bem para alguém e melhor ainda quando você encontra uma vocação que pode trazer esta realização para sua vida. Ser professor. Um profissional que agrega muito mais do que conhecimentos ele transforma vidas, impulsiona sonhos, objetivos e mais do que isso acredita neles!

Levantar todas as manhãs e pensar como vou impactar a vida de meus alunos, o que posso fazer diferente hoje, como vou cativá-los neste dia, motivá-los a continuar com os estudos é sem dúvida algo que me move, pois a construção de conhecimento é aliada ao desenvolvimento do ser humano, melhorando a autoestima, afirmando sua identidade e aumentando ainda mais a vontade de percorrer os caminhos dessa jornada terrena com segurança e confiança de que tudo é possível.

A construção do conhecimento inicia-se na infância, no entanto, trabalhando com alfabetização de jovens e adultos aprendi que a construção se dá por toda a vida. Lembro-me que quando entrei pela primeira vez na sala, percebi que estavam acanhados e muitos sentiam vergonha de não saber ler e escrever e meu primeiro contato foi uma conversa franca e sincera de que ali a vergonha deveria ser deixada da porta para fora e que lá dentro construiríamos juntos o conhecimento como uma parceria, uma troca. Eu acredito verdadeiramente nisso, o ser humano aprende todos os dias, todos os momentos com todos que convivem e ali eu não seria a detentora do conhecimento e sim alguém que o buscava também. Isso foi o bastante para que nós construíssemos um vínculo sólido de confiança e parceria rumo ao conhecimento.

Eu ensinando a ler e a escrever, algo que para mim talvez seja simples, mas para eles a conquista da liberdade de viver uma vida independente e em contrapartida muito mais do que ensinar é a oportunidade de aprender a

viver a vida ouvindo de cada um a transmissão de conhecimentos valiosos que não existem nos mais requintados livros e nem na mais fina filosofia, a experiência de vida!

Sempre gostei de ouvir histórias que trazem consigo exemplos magníficos de transformação e aprendizado, logo posso afirmar que nesta parceria eu mais ganho e aprendo do que ensino.

Coragem, determinação e confiança são algumas virtudes que enxergo nos meus alunos da AJA. Certa vez, levei o alfabeto móvel para sala de aula e julgava eu que era apenas mais um recurso de aprendizagem, a meu ver, era simples e estava mais do que acostumada.

Quando cheguei à sala, apresentei o recurso e percebi olhares diferentes, com mais brilho do que o normal e a medida que eu explicava a atividade algo me chamou a atenção, dentre todos os olhos ansiosos e repletos de luz e brilho havia um que brilhava mais do que o normal e na apresentação do material a sensação que eu tinha era que estava dando os números da megasena para ele, seu nome João, aluno que após este momento teve um salto incomensurável na construção de seu conhecimento na língua materna.

Aquele olhar de criança quando ganha do papai Noel o brinquedo pedido, certamente não sairá de minha memória.

Cada abraço sincero, demonstrações de carinho, olhares atentos a mim e ouvidos abertos para ouvir-me. Como não me sentir valorizada, sinto-me realizada, pois meus objetivos foram alcançados em dobro.... Como professora posso fazer diferença na vida de alguém, mas o que eu não sabia era que a verdadeira mudança estava sendo feita em meu ser por tudo aquilo que meus alunos representam em minha vida, me ensinam com seus verdadeiros e valiosos conhecimentos, estes que não estão presentes nos livros e que o dinheiro não pode comprar.

A vida é de fato maravilhosa, basta que encontremos seu brilho escondido nos mais recônditos lugares.

Gratidão eterna a todos os alunos que fizeram, fazem e farão parte da minha jornada!

## O QUE DESPERTOU FOI A FÉ

Lívia Aparecida Sales Silva Caldeira

Foi a aluna Madalena quem me sugeriu  
O tema para este poema  
“Fé”

Madalena aprendeu  
A ler e escrever  
Mas seu grande motivo  
Sua grande motivação  
Era a Bíblia  
Poder ler e compreender  
Ensinamentos, passagens presentes  
E tudo o que as escrituras revelam.

A Fé despertou Madalena  
Fé na vida  
No ser humano  
E na educação  
Que transforma e faz crer que tudo é possível  
Em qualquer que seja a etapa da vida.

“Professora, estou bem feliz já iniciei a leitura”  
Observo maravilhada e creio plenamente...  
Vale a pena ter Fé.

## FAZER O BEM

Luciana Vasconcelos

Mais uma matrícula! Que alegria! É bom ver a sala cheia, alunos adultos se entusiasmam com a chegada de novos colegas, pois dá novo ânimo e os motiva a deixar suas casas, enfrentar o cansaço e vir aprender mais um pouco.

Não foi diferente com a chegada do aluno Douglas. Conversei um pouco com ele, explicando-lhe como era a rotina das aulas. Ao fazer sua matrícula, afirmou que morava no Ana Doroteia, bairro próximo à escola. Jovem, dezenove anos, relatei que poderia continuar os estudos quando concluísse essa etapa conosco. Enfim, disse que estava feliz com sua chegada e assim começou a jornada de Douglas na turma da AJA.

Duas semanas depois ele se mudou para o Paulistano, bairro distante e começou a frequentar as aulas de bicicleta. Aleguei que havia outras escolas mais próximas de onde ele agora morava, mas estava decidido a continuar conosco: - Gosto muito dessa turma professora e da senhora também! Fiquei feliz, porém preocupada. Passaram-se os dias e ele chegando com sua bicicleta, sempre animado e disposto a estudar.

Mais uma semana se iniciava, porém, Douglas não apareceu. Os alunos disseram que sua bicicleta estava quebrada e como estava desempregado não poderia pagar a passagem do ônibus. No outro dia ele apareceu. Fui ao seu encontro e feliz, perguntei se conseguira arrumar a bicicleta. – Não professora, vim a pé. Saí de casa às quatro da tarde e vim devagar para não me cansar. Então disse a ele que o levaria em casa aquela noite e assim fiz.

Longe... não havia condições de continuar indo para a escola. Assim, numa outra aula em que ele faltara, relatei aos alunos o que estava acontecendo, dizendo que precisávamos fazer alguma coisa para ajudar Douglas.

Os alunos, como sempre dispostos, disseram que iriam procurar saber o preço de uma bicicleta usada e que se fosse o caso, cada um contribuiria

com o que pudesse e assim, comprariam uma bicicleta e dariam de presente para o colega.

Mas antes que o presente fosse comprado, Maria, uma das alunas, me disse que daria a bicicleta do seu filho para que Douglas não precisasse mais ir a pé para a escola, alegando que ela estava parada mesmo e que seria mais útil à ele.

No outro dia, assim que abri a escola, Douglas chegou com a bicicleta. Muito feliz me disse emocionado:

- Maria é uma pessoa de Deus “né” professora?
- Sim. Ele sempre coloca pessoas especiais no nosso caminho. –

Respondi a ele.

## BASTA ACREDITAR

Lucinéia Eurípedes Martins

Me formei no ano de 1994, cursei o magistério, por incentivo da minha mãe que sempre sonhou em ser professora e não teve oportunidade. Quando aceitei e cedi aos incentivos dela não sabia da grandiosidade dessa profissão. Quando conquistei meu diploma, abracei e me dediquei à profissão. Então, comecei a perceber que eu iria transformar muitas vidas.

Me efetivei como professora em Franca trabalhando com a Educação Infantil e, pouco tempo depois, fui selecionada para lecionar também para a AJA. Na ocasião, eu nem sabia muito bem como era o trabalho com jovens e adultos, mas aceitei o desafio.

Foi na AJA que conheci Dona Lourdes, com aproximadamente cinquenta anos de idade e muita vontade superar limites. Ela morava em um lar de idosos e tinha dificuldades na fala e alguns problemas de saúde. Mas, havia um sonho que a movia: se tornar alfabetizada.

Mostrava muito interesse em aprender, não era de falar muito, mas um dia resolveu nos revelar seus sentimentos, tristezas, histórias de abandono e disse nem se recordar há quanto tempo foi deixada no Lar e para esquecer as dores, ela quis entrar na escola.

O motorista do Lar era quem a levava para a escola, mas nem sempre ele era pontual, tinha dias que não a levava, outros dias que a esquecia de buscá-la e mesmo diante de todas as dificuldades, ela nunca pensou em desistir.

Alguns dias ela chegava à escola agitada e decidia que iria realizar suas atividades no corredor e de pé. Eu respeitava suas decisões. Dona Lourdes a cada dia avançava em sua aprendizagem.

Quando já alfabetizada, ela pretendia ir além: “Professora, eu quero fazer a avaliação de escolaridade, quero ter um certificado”. Lembro-me que durante a avaliação, ela se agarrava ao lápis e com segurança ia respondendo as questões com segurança e autonomia. Dona Lourdes foi aprovada e o certificado era um troféu exposto com orgulho em seu quarto.

Exemplo de determinação, conquista e realização. Dona Lurdes fez com que a AJA ocupasse um lugar muito especial em minha vida. Ela me fez acreditar que sonhos foram feitos para serem realizados. Basta acreditar.



## GRATIDÃO

Mara Denise de Figueiredo

Minha trajetória na A.J.A. foi iniciada há 16 anos, convite de uma amiga muito querida, a “Dolores”.

A sala de aula sempre me deu a oportunidade de conhecer pessoas, saber como pensam e como agem em determinadas situações, tenho também um feedback, bem rápido, de como estou executando meu trabalho, meu termômetro são meus alunos, eles são bem sinceros. Aprendo e cresço a cada dia um pouquinho. Não acredito que tenha uma profissão/trabalho, em que colhemos resultados positivos e elogios em tão pouco tempo, quanto o magistério.

É de conhecimento de muitos que nossa profissão não é muito valorizada, mas a minha presença em sala de aula, ajudando, ensinando e observando o crescimento de cada aluno é algo indescritível.

Claro que não conseguimos agradar a todos, mas fico bem contente e feliz quando lembro de vários momentos que passei em sala de aula e até fora dela. Momentos estes como um aluno que veio até minha casa me entregar um convite de certificação do “Ensino Médio”. Fato que me deixou lisonjeada.

Sempre existiram pessoas que enalteceram meu trabalho em sala de aula me sugerindo outras propostas, comentando a respeito da minha dedicação com os alunos. Alunos estes que muitas vezes, estavam ao meu lado quando tive que passar por alguns momentos difíceis e quando eu entrava na sala de aula, os problemas ficavam, por alguns instantes esquecidos.

Quantas boas lembranças trago comigo, já fui presenteada com uma “Placa de Gratidão”. Momento do qual me emocionei muito, além da placa havia também um livro cujo título é: “você é insubstituível “. Uma forma que encontraram de manifestar o que sentiam por mim.

Momentos difíceis também existiram, como aquela escola que ficava em um bairro muito distante, trajeto complicado, pois o local ainda não era asfaltado. O desafio de trabalhar com a diversidade, a tristeza quando alunos desistem da escola ou quando enfrentam problemas de saúde ou familiares e

aqueles que chegam a óbito. Mas, tudo se supera quando acreditamos que somos capazes de romper os obstáculos e seguir positivamente adiante.

O diferencial do A.J.A. com o Ensino Fundamental é a “sêde” e “vontade de aprender” de cada aluno. Cada aluno traz sua história de vida e desejos diversos, como aprender a ler e escrever para tirar a carta de habilitação, andar de ônibus com autonomia, ter uma vida mais independente ou simplesmente ser valorizado pelos familiares.

Nada é mais gratificante do que ser recebida pelos alunos com “Boa noite, professora”. E no final da aula: “Já acabou? Nem vi o tempo passar”. “Essa semana tem feriado de novo? ” Depoimentos enriquecedores que abrilhantaram minhas aulas e a alma.

## O VIOLINO

Margarida Morais de Lima

Ensinar sempre foi um prazer, uma realização e uma alegria. Tenho orgulho da minha profissão. Sou professora. No entanto, ensinar crianças é diferente de ensinar jovens, adultos e idosos. Diante disso, o trabalho na AJA representava um desafio. Mal sabia eu que viveria muitas emoções.

Meu primeiro dia como professora de adultos deixou marcas para sempre. Passando de carteira em carteira, me deparei com o senhor José de sessenta e dois anos, ele sorridente se mostrava interessado nas atividades. Era um senhor de risada farta, mas depois vim a saber que já havia passado por grandes provações em sua vida.

Propus um trabalho com autobiografias, expliquei o que era e todos ficaram curiosos e ansiosos por registrarem suas histórias “Professora, mas minha história é grande demais, não vai caber neste caderninho”.

Foram muitas as dúvidas e comentários, mas aos poucos, eles começaram a escrever. Me aproximei do senhor José: ‘Professora, eu sou de longe, vim lá de Pernambuco e quero contar como foi minha vinda para Franca”.

A atividade com autobiografias fez com que eu conhecesse melhor meus alunos e passasse a admirá-los, fomos nos aproximando e nos respeitando ainda mais. Deixei que José falasse:

“Professora, vim para cá ainda menino pequeno. Eu, meus pais e irmãos. Viajamos em um caminhão de pau-de-arara. Lá no Nordeste as coisas são bem mais difíceis. Chegamos a passar fome. Chegando aqui fomos trabalhar em uma fazenda e o fazendeiro nos alojou junto aos porcos. Limpamos tudo e fomos ficando. Plantava arroz, feijão, milho e frutas. Não passamos mais fome, mas o trabalho era de sol a sol”.

Quando percebi, todos prestavam a atenção na história de José, pareciam entender bem a situação. Com seu jeito amoroso de ser, sorriso largo e alegria nos cativava. José comemorava a cada palavra escrita, a cada linha lida e a cada conta efetuada.

“Professora, a senhora gosta de violino? Eu sei tocar, toco na igreja”.

“Seu José, acho lindo o som do violino, mas não sei tocar. Bom, sei tocar violão” - Respondi.

E ele continuou:

“Sempre quis aprender tocar violino, mas o moço da igreja não deixava, ele não acreditava que eu podia aprender. Dizia que era para eu desistir, mas eu nem ligava, porque depois que eu coloco uma coisa na cabeça não tiro enquanto não dá certo.

“Senhor José, traga o violino e toca para nós? – Pedi a ele.

Uma noite, cheguei à escola um pouco chateada devido a alguns problemas particulares, eis que surge José com o violino. Com seu jeito tímido, simples e especial, ele tocou lindamente o seu violino.

## RAZÕES PARA ACREDITAR

Maria Lúcia Ferreira de Jesus

- Estamos conseguindo escrever.

- Acertei quase tudo.

Assim transcorria a aula em uma noite fria de quarta-feira. Embora o momento sugerisse descanso numa boa poltrona de sofá, um chocolate ou uma sopa acrescentada do carinho e aconchego familiar estavam todos empenhados na escrita e leitura.

Lá estavam eles, numa sala de aula de alfabetização para adultos; homens, mulheres, uns mais jovens, outros mais experientes. Todos com as marcas deixadas pelas experiências vividas. O cenário apesar de simples estava carregado de emoções e sentimentos. Sentimentos difíceis de serem colocados neste registro.

Inicia-se a aula, e como mediadora convido-os à uma oração e como dizia sempre o senhor Antônio: “Não podemos esquecer as orações, professora, elas são valiosas e ajudam muito”. Elevamos nossas preces a Deus, aqueles que precisavam colocaram para o grupo sua necessidade de oração. Assim é uma sala de AJA, demonstram unidade na fé, na esperança e no amor.

Na sequência uma leitura, entre tantos gêneros textuais abordados, para este dia tínhamos um poema: “Aposentadoria do Mané Riachão”, texto tão bem elaborado pelo saudoso Patativa do Assaré representando a realidade nordestina através de seus escritos poéticos.

Foram quase unânimes durante suas colocações, como aquela poesia os retratava, já que em sua maioria haviam deixado o nordeste brasileiro, muitas vezes na juventude em busca de melhores condições de vida. Entendiam muito bem o que estava sendo retratado e por experiências sabiam o quanto era dura a realidade demonstrada pelo poeta nordestino.

- Professora, meu pai nunca deixou a gente ir à escola. Escola era coisa para homem. Mulher tinha é que arrumar a casa, fazer comida pra os maridos que estavam trabalhando na roça, cuidar dos irmãos mais novos. Desde menina tínhamos muitas obrigações, escola era artigo de luxo, era para os ricos.-

Disse dona Maria emocionada pela oportunidade que agora tinha de pertencer a uma sala de aula.

Recordo-me também com grande emoção que neste dia, foram muitas as colocações, participações orais dignas de gravações. Mas limitava-me a ouvir pacientemente cada história ali contada. E dentro do meu coração agradecia por permitir fazer parte daquele momento. Eu não estava fazendo praticamente nada, apenas ouvindo. Sabia que era o máximo que eu podia fazer. Mas sentia também que era tudo que precisavam: que alguém os ouvissem, queriam falar de suas lembranças, dores, saudades, vidas e amores.

Deixaram a terra natal, muitos deles nunca mais tiveram a chance de retornarem. Casaram, tiveram filhos, a vida seguiu seu curso. Do momento de outrora restava apenas lembranças e grande esperança de poder mudar o futuro. Sentiam que aquilo que antes era impossível, agora já era possível, e desejavam com toda força que ainda lhes restavam, ir a busca deste ideal.

Já tínhamos lido o texto, exposto nossas colocações, falado sobre a estruturação do gênero textual e como toda boa aula era hora do registro.

- Vamos escrever tudo que falamos aqui, não tenham medo de colocar no papel. Escreva simplesmente o que pensaram e comentaram sobre o assunto. Não é preciso usar palavras difíceis. Mas escrevam, pois estou aqui para ajuda-los.

Esta foi minha fala para que aqueles alunos que se limitavam e não acreditavam que podiam se libertarem do medo do erro, da vergonha e da exposição perante os demais colegas da sala.

Começaram a escrever; de mesa em mesa eu ia passando auxiliando-os com as trocas ortográficas, na coerência das colocações, na organização das lembranças, nas prioridades... Não dava para escrever tudo, são muitas palavras, muitas emoções. Mas o que seria da escrita sem a emoção, esta é a propulsora daquela que motiva que dá vontade.

O sentimento é subjetivo, então é pessoal e individual o assunto, só a pessoa sabe como e o quanto quer escrevê-lo e dizer o quanto isso lhe é significativo. Sim, agora podiam escrever, podiam ler. Já não tinham mais barreiras que os impediam de chegar aos seus ideais.

Felicidade. Esta é a palavra que descreve o brilho nos olhos que presenciei ao final do trabalho. A proposta era que lessem para a sala o que

tinha acabado de escrever. Todos, deixando de lado suas dificuldades, seus medos, suas frustrações, timidez, tudo que estivesse acima de qualquer outro motivo que os privasse de seus sonhos, foram impulsionados pelo desejo da conquista e da liberdade.

Ao final da aula ouço colocações que foram verdadeiras músicas aos meus aos meus ouvidos:

- Nós estamos conseguindo ler e escrever.

- Eu não conseguia nada, só copiava. Agora estou escrevendo.

- Professora, antes não sabia nem o nome do ônibus que eu precisava pegar, agora eu mesmo leio.

- Deus está nos ajudando.

Os alunos não sabiam a proporção das colocações que faziam, realmente Deus estava ajudando, mas esta ajuda acontecia muito mais a mim, por meio deles, todos os dias tenho razões para acreditar que ainda é possível. Ser professora é uma benção inexplicável.

## OS CAMINHOS DE UMA VENCEDORA

Marilda Bernabé Pereira Barbosa

Era fevereiro quando Luzia chegou pela primeira vez à escola, parecia aflita e ansiosa, mas fez questão de se apresentar: “Vim da cidade de Claraval, aqui pertinho de Franca e quero estudar. Eu sei ler e escrever, mas bem pouquinho. Aprendi essa pouca leitura por meio da Bíblia e gostaria de aperfeiçoar para poder ler de tudo”.

Luzia ainda muito jovem, com seus quarenta e quatro anos de idade, nesta noite e com a vontade que trazia, emocionou a todos, inclusive a mim. E assim, começou a frequentar as aulas, sempre muito dedicada e com muita vontade em aprender.

Os dias foram passando e Luzia já se sentia segura e mais confiante em contar sua história: “Não tive a chance de estudar quando criança, meus pais faleceram muito cedo, eu ainda era uma criança. Meu irmão mais velho não tinha como criar os demais e começou a nos doar para famílias desconhecidas”.

Ela e a irmã foram morar com uma senhora. Recorda que essa senhora não tinha muito amor por elas e um dia a deixou sozinha sentada na calçada debaixo de uma forte chuva. Luzia passou a noite sentada nesta calçada.

No dia seguinte, uma família vendo-a sentada aproximou-se e quis saber o que uma criança fazia ali sozinha, ela explicou que uma senhora a deixou ali e desapareceu.

Luzia começou a trabalhar aos dez anos de idade e ao chegar em casa, nem comida tinha: “Passei muitas necessidades nessa vida”. Casou-se e o marido por ciúmes não a deixava realizar o sonho de frequentar uma escola. O casamento não era muito feliz e chegou ao fim.

Com a separação, ela resolveu investir no antigo sonho: estudar “Hoje sou outra pessoa, a leitura facilitou e trouxe felicidade a minha vida”. Luzia trilhou o caminho que sempre desejou “Professora, trilho os caminhos de uma vencedora”.



Tenho orgulho de ter sido a professora de Luzia.

## A ARTE DE EDUCAR ADULTOS

Marta Caramori

A vontade de fazer a diferença na vida das pessoas e a preocupação com questões sociais foram pontos de partida para ter certeza que esta era a profissão a ser escolhida.

Enxerguei na educação, uma forma de poder ajudar aos outros e fazer a diferença na sociedade em que estou inserida.

Depois que ingressei na educação, muitas oportunidades surgiram nessa área, foi quando tomei conhecimento que vagas tinham sido abertas para a Alfabetização de Jovens e Adultos. Pouco tempo depois estava eu em mais essa nova experiência: a arte de educar adultos.

Foi em uma noite de segunda-feira que passei a conviver com aqueles olhares sofridos, mas cheio de esperanças, com mãos calejadas do trabalho árduo do dia, mas repletas de força para escrever, com muitas situações vividas trazidas nas rugas que o rosto evidencia, mas com grande vontade de criar uma nova história.

A partir daquele momento, o meu olhar e minhas atitudes não foram mais as mesmas. Ver aquele que antes era excluído, marginalizado desvalorizado, resgatar sua autoconfiança, sua dignidade e sua participação ativa na sociedade, fez aumentar a cada momento a certeza que estou no caminho exato “ser professora”.

“Depois que passei a estudar e aprendi a ler e escrever, a minha família passou a me respeitar e acatar as minhas opiniões, pois antes ninguém me levava a sério”. - Fala de uma das alunas.

Falas como essa são unânimes nos relatos de quem não teve num passado distante, oportunidade de aprender a ler e escrever. Fatos simples do cotidiano como ser humilhado pelas próprias pessoas da família, passar por momentos constrangedores em precisar de um ônibus e não saber ler o destino, não compreender uma receita culinária e não saber assinar o nome foram situações que os motivaram a buscar uma nova realidade, um recomeço.

A maioria dos alunos saem direto de seus trabalhos para a aula cansados, esgotados, desejando um jantar e uma cama para repousar, mas a vontade de aprender é maior. Enquanto educadora da AJA, procuro transmitir essa paixão pelo aprender, para

que ela seja maior que seu cansaço, maior que suas dores e seus temores, motivando-os sempre a continuar, a se superar em ver que são capazes de conquistar o almejado.

Alfabetizar e educar implica um compromisso social. Transformar a injustiça social é tarefa de todos, nós professores somos capazes de intervir nessa realidade, despertando um olhar consciente no educando e torná-lo ciente de sua realidade social para poder modificá-la.

Enfim, alfabetizar vai além de aprender a ler e escrever, é fazer que cada educando seja um sujeito consciente de seus direitos e obrigações de modo que ele seja capaz de melhorar sua condição de vida, capaz de construir sua história ou transformá-la.

## LIÇÃO DE VIDA

Renata Aparecida de Almeida

Tenho uma amiga que me apresentou a AJA. Eu gostava de acompanhá-la nos passeios que fazia com seus alunos adultos. Era gratificante ver aquelas pessoas se sentirem tão bem com o pouco que pouco que era oferecido a elas. Um simples passeio no shopping fazia a alegria de todos.

Foi assim que tudo começou meu interesse pela Alfabetização de adultos.

Eu já era professora, na época, trabalhava apenas com a educação infantil. Pedi que minha amiga me indicasse para aquele trabalho. E, consegui a chance que enriqueceria ainda mais a minha vida profissional e pessoal.

Eu não escolhi o magistério, mas ele veio até mim, e no meio do caminho eu me apaixonei por essa profissão. Acredito que foi obra de Deus, pois Ele sabia que ia dar certo. Portas foram se abrindo para que eu continue cumprindo a minha missão.

Foi na Alfabetização de Jovens e Adultos que me senti valorizada como professora, estou na AJA há oito anos e alfabetizar adultos é possibilitar a eles a realização de sonhos até então deixados no passado.

Certo dia, encerrado o dia de trabalho, nem meu carro, parei no semáforo e vi o meu aluno José Francisco. O senhor Chico tinha quase 80 anos de idade e caminhava lentamente agarrado a sua pasta recheada de materiais escolares. Materiais que ele cuidava com o maior carinho.

Por um momento pensei que nele nem precisava passar por este esforço todo para estudar, já estava aposentado e com sérios problemas de saúde. Mas, lá estava ele, todas as manhãs me esperando, sempre no mesmo lugar, pronto para me ouvir.

Aquele momento, o qual não esqueci mais, me fez perceber que eu tinha que me dedicar mais ainda a essas pessoas. Fiquei emocionada! Meu trabalho fazia a diferença na vida dele. Mesmo com suas limitações físicas e até emocionais.

Não só o Senhor Francisco, mas todos meus alunos, todas as manhãs não mediam esforços para estudarem. Quanta responsabilidade eu tenho em minhas mãos.

Percebo o quanto a escola transforma a vida das pessoas. Dona Maria, um dia, veio me contar que não precisava mais pedir ajuda para pegar o ônibus, pois aprendeu a ler as placas com os nomes dos bairros. Que satisfação ouvir este depoimento.

No ano seguinte, fui transferida para trabalhar em outra sala de AJA e mesmo com uma certa experiência, mudar nos causa certo desconforto e ansiedade, mas o acolhimento dos alunos é algo que nos dá força.

Lembro de alunas que foram aprovadas nas avaliações de escolaridade e prosseguiram seus estudos. Aprendi com elas que é preciso buscar os sonhos independentemente da idade.

São tantos momentos marcantes nessa minha trajetória na Alfabetização de jovens e adultos, que talvez o espaço que tenho no livro não seja suficiente para retratá-los com o carinho e respeito que merecem.

Sei que para ser professora da Alfabetização de Jovens e Adultos é preciso gostar do que faz, é preciso envolver-se de verdade, pois lida-se com pessoas que correm contra o tempo e desejam construir uma história diferente.

Acredito no que faço, faço o que amo. Está é a Professora Renata! Se há afeto, não tem como não dar certo.

## AS MENINAS DA AJA

Renata Cristina Cintra Nascimento

Quando na Alfabetização de Jovens e Adultos cheguei muito encantada fiquei.

As pessoas, as histórias, as lutas, as vitórias...

Desenrolaram-se fio a fio e teceram ainda mais meu amor pela profissão.

Duas “meninas”, assim as chamo carinhosamente,

Senhoras queridas, que ali estão em busca de um sonho:

Ler e escrever. Exemplo de força, coragem e determinação.

A alegria que elas têm de estar em sala de aula é contagiante:

Uma de Franca, a outra do Ceará.

“Professora, não há lugar e hora melhor que a escola”

Os saberes da vida, elas ensinam a cada dia.

Cresço ao ouvir o relato triste de perdas, alegrias e lutas vividas.

“É professora eu estou aprendendo”.

“Ixê! Da escola! Eu não desisto, não”.

Um dia um sabão em outro um pedaço de pão,

Mimos que aquecem o coração

Recheados de muitos ensinamentos, sabores e amores...

Há dois anos venho enriquecendo meu acervo

Histórias de vida, de lugares, olhares que cativam acreditam e confiam em meu trabalho.

Sinto-me feliz em contribuir e fazer parte dos sonhos de pessoas tão especiais.

Assim, são as meninas

As meninas da AJA

## **SER EDUCADORA REQUER CONHECIMENTOS, MAS TAMBÉM MUITOS SONHOS**

Roseli Aparecida Barcelos Rodrigues Stefani

Um professor da AJA precisa amar sua profissão e ter perseverança, pois seus alunos são carentes de autoestima, se sentem incapazes de aprender o que é ensinado, e isso tem que ser trabalhado para que o aluno permaneça na alfabetização e se sinta capaz e realizado, alcançando os objetivos propostos por nós e por eles mesmos.

Quando terminei o segundo grau, não queria mais estudar apenas trabalhar. Mas, minha mãe falava: “vai estudar, fazer magistério, ser professora, menina! ”. Um dia, cansada de ouvir a mesma, decidi fazer o Magistério, sob a condição de que se eu não gostasse poderia largar. E assim, fui um dia, dois, três, uma semana, um mês, e quando percebi estava formando. Hoje vejo que foi a melhor decisão que poderia ter tomado, porque amo o que faço, mesmo com todos os desafios da profissão.

Durante minha trajetória na AJA, realizei peças teatrais com meus alunos, os quais se entregaram de corpo e alma para interpretar seus personagens. Além de interagirem espontaneamente, fazendo relatos de infância, como sonhos de serem artistas e cantores.

O palco improvisado foi todo decorado pelos alunos e por mim. A apresentação da peça contou com a presença de familiares e amigos, que elogiaram o trabalho realizado por dia.

Outro marco, que encantou meus alunos, foi o passeio ao Bosque de Ribeirão Preto/SP, pois, eles conheceram de perto animais que só tinham visto pela televisão, como: urso de óculos, elefante, onça pintada e etc.

Eles também amaram ir ao cinema. Se encantaram com o tamanho da tela, pois, muitos nunca haviam entrado em uma sala de cinema. Todos estes momentos não marcam apenas a vida dos meus alunos, mas a minha também, porque me sinto realizada pessoal e profissionalmente quando vejo que estou melhorando vidas que já são maravilhosas.

Mas, mesmo assim, os momentos mais importantes na AJA, são quando ouço os relatos de conquista de meus alunos, suas experiências de vida e seus conhecimentos de mundo.

Os alunos da AJA não buscam apenas a alfabetização, eles buscam suprir o tempo perdido na infância, quando foram privados de seus direitos a educação e lazer, pois a maioria começou a trabalhar bem cedo.

Não há como especificar os desafios passados por uma professora da Alfabetização de Jovens e Adultos, porque a cada dia eles mudam vão de desafios de aprendizado, autoestima, socialização, familiar, dentre outros que tornam a profissão algo cativante.

Mas, ainda assim posso citar como exemplo a exclusão social. Infelizmente ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa e discriminatória, portanto há relatos de alunos que sofreram constrangimentos por não saberem ler ou escrever, como quando pegavam ônibus e perguntavam para as pessoas que estavam no ponto, qual era o ônibus que havia parado.

Assim, os alunos que buscam a AJA visam se inserir uma forma mais ampla na sociedade, diminuindo a exclusão que o analfabetismo traz. Buscam ainda maior reconhecimento de suas famílias.

Meus alunos são determinados e corajosos, a exemplo do senhor X, que mesmo sem saber ler e escrever teve coragem de atravessar o mundo e ir trabalhar no Oriente. A senhora N, que mesmo com dois filhos com deficiência, está sempre sorrindo e sendo altruísta. O aluno que pinta com a boca e expõe suas obras de arte na Suíça.

Com a alfabetização ouvi frases inesquecíveis de meus alunos, como: “Já consigo ler para onde o ônibus vai. ”, “Vou ao banco sozinho e passo o cartão”, “Já leio partes da bíblia”, “Estou mais independente”.

Devo dizer que me sinto lisonjeada, porque meus alunos me veem como uma pessoa para ajudar e acolhê-los. Eles me valorizam não apenas como a professora, mas valorizam como ser humano, ao me darem a oportunidade de ensina-los, o que me deixa feliz e gratificada.

Meus alunos me ensinam a amar o próximo sem querer retribuição, ser alegre mesmo nos momentos mais tristes, correr atrás dos meus objetivos sem medo de ouvir um simples “não”.



Porém, por trabalhar com idosos, passamos por momentos delicados devido aos problemas de saúde. E momentos de grande tristeza quando algum nos deixa, permanecendo o vazio da sua cadeira na sala de aula no coração da professora que os ama e de seus colegas de sala que os admira.

Enfim, me orgulho desses alunos, que confiam em tudo o que proponho a eles, pois desejam aprender e superar limites.

Não posso deixar de relatar a felicidade que sinto ao ver meus alunos realizados e sonhando com as possibilidades que a alfabetização lhes proporciona. Ensinar não é o simples ato de passar informação e conhecimento, é o ato de amar o próximo.

## MARIA APARECIDA

Roza Maria Silva

Durante o meu tempo de magistério vários acontecimentos me sensibilizaram muito. Porém, um deles muito me marcou. Toda vez que inicio uma turma nova de alunos conto a história de Dona Maria Aparecida, para que sirva de motivação para todos.

Estava eu, durante a aula, lendo uma história e em determinado momento começou a bater palmas no portão da escola insistentemente. Fato que dispersou a atenção. Pedi a um aluno para verificar quem estava lá.

Dali a pouco, entra Dona Maria Aparecida de setenta e nove anos de idade com uma pastinha debaixo do braço contendo um caderno, um lápis e uma borracha.

Me disseram que aqui tem aula para quem quer aprender a ler e escrever. Quero fazer a minha matrícula.

Preenchi a matrícula da Dona Maria e ela se sentou em uma carteira bem próxima da lousa: “Professora, eu não enxergo bem, tenho que ficar aqui pertinho”.

Dona Maria não faltava por nada, nem o frio ou chuva forte a impediam de ir à escola: “Já perdi tempo demais nessa vida, quero aproveitar cada segunda de aula”.

Ela contou que quando criança o pai não a colocou na escola, pois moravam na roça longe de escolas e que quando mudou para a cidade foi trabalhar como babá para ajudar a família de nove irmãos: “Mesmo não me deixando estudar e tendo que cuidar dos irmãos, não culpo meu pai”. Recorda também que quando tinha quinze anos, perdeu o pai e continuou a trabalhar para ajudar a mãe e aos dezesseis anos se apaixonou, namorou com ele durante seis meses. O namoro resultou em casamento.

“Minha mãe disse que era para casar logo, pois eu podia ficar mal falada por estar namorando. Meu marido era vinte anos mais velho que eu e tivemos sete filhos”.

O sonho de frequentar uma escola persistia, mas o marido não a deixava estudar, acreditava que lugar de mulher era em casa cuidando dos filhos.

Dona Maria Aparecida diz que a escola nunca saiu de seus planos e quando ficou viúva, os filhos criados, procurou a escola: “Agora ninguém mais manda em mim”. É uma aluna dedicada, concentrada e sempre frequente e quando um colega começa a falar muito durante as aulas, ela fica brava e diz que ali é lugar de estudar e não de jogar conversa fora.

“Professora, o cobrador do ônibus disse que ao invés de estudar e sair toda noite, eu deveria pegar um rosário e rezar, porque, segundo ele, eu não tenho mais idade para aprender e que como eu estava perto da morte, não precisava de ler”.

Mas, Dona Maria não deixou o cobrador sem resposta: “Eu preciso aprender a ler sim, vai que eu morro e lá em cima São Pedro pede para eu ler para ele uma história? Por isso, tenho que chegar lá lendo de tudo”.

Recordo-me com carinho de Dona Maria que com toda sua persistência tinha orgulho em assinar o seu nome “Não sabia nem uma letrinha, agora até meu nome assino”.

E ela conseguiu de palavras passou a escrever textos e gostava sempre de ler mensagens para os colegas no início da aula.

No ano seguinte, fui transferida de escola, novos alunos, um novo desafio me aguardava, mas uma noite, eis que surge a Dona Maria Aparecida: “Professora, faz minha matrícula aqui nessa escola. Vou ficar aqui com a senhora”.

Mesmo a escola sendo distante da sua residência, Dona Maria Aparecida continuou firme comigo, mas um dia, ela nos surpreendeu, as horas se passavam e ela não chegava. No dia seguinte, fui informada que ela sofreu em AVC e estava internada, mesmo debilitada, pedia insistentemente que as filhas entrassem em contato comigo e que era para eu visitá-la.

Dona Maria ficou muito emocionada quando me viu e pediu que eu enviasse atividades para ela fazer enquanto estava hospitalizada. Prometi que levaria no fim de semana, pois os médicos disseram que ela iria ficar lá até a próxima semana. Mas Dona Maria não resistiu, o AVC repetiu e ela partiu.

Guardo comigo os exemplos por ela deixado: força, coragem e determinação.

## DESAFIO

Sandra Vitolano

A vida sempre nos traz novas situações e muitas vezes nos pega de surpresa fazendo que com repensemos: “O que estou fazendo neste mundo?”

Quando surgiu a oportunidade para que eu alfabetizasse adultos, não dispensei, me agarrei a ela, mesmo sabendo que vários desafios fariam parte da jornada.

Fui recebida por meus novos alunos sob olhares desconfiados, curiosos, observadores, mas alguns muito amáveis. Nada diferente do que eu sentia, pois também estava bem curiosa por saber o que eu realmente encontraria em uma sala de alfabetização de adultos.

Aos poucos estamos nos conhecendo, cada dia nos aproximamos mais e mais. Sinto que os laços de confiança, amor, respeito e amizade se estreitam.

- Professora, ontem foi seu aniversário? A senhora escondeu a data da gente. Precisamos comemorar. Semana que vem, trago uma lembrancinha.

Depoimentos assim faz com que acreditemos que estamos trilhando o caminho certo, ou encerrar uma aula com a frase: “A senhora tem muita paciência, é muito delicada. Uma professora diferente daquela que eu tinha na infância”.

Trabalhar na AJA é passar horas planejando, refletindo sobre cada um dos alunos, de como são, como eles aprendem melhor, os objetivos que buscam na escola e sobre suas histórias de luta, persistência, força de vontade.... Nada os desaminam, nem mesmo um problema de saúde: “Foi o médico que me encaminhou para as aulas, ele disse que me ajudaria a superar a depressão. E ele tinha razão”.

Tenho a satisfação de participar da vida destes corajosos educandos e satisfação maior é vê-los descobrindo a leitura e escrita, as portas do mundo se abrem para eles: “Aqui está escrito isso mesmo que eu li? A conquista da leitura e escrita os tornam mais ativos, participativos e confiantes.

## A DESCOBERTA

Sílvia Venâncio da Costa Símaro

Quando criança ganhei uma lousinha, com giz colorido. Brincava todos os dias, eu era a professora e as bonecas as alunas.

O tempo passou e escolhi o magistério, me formei e logo comecei a lecionar. No decorrer dos mais de vinte anos de sala de aula, trabalhei com todos os segmentos, mas sempre procurei escolher as turmas de alfabetização. Durante as reuniões de pais era comum me deparar com mães que não conseguiam ajudar os filhos nas tarefas de casa porque nunca tinham frequentado a escola ou frequentaram muito pouco. Este fato me preocupava e ao mesmo tempo, despertava o interesse em ajudar de alguma forma.

O ano passado surgiu então, a oportunidade de trabalhar na Alfabetização de Jovens e Adultos. Fiquei muito feliz, afinal seria um novo desafio, mas mesmo com experiência em sala de aula, apareceram as dúvidas, a ansiedade e o medo.

Logo no início das aulas, percebi o respeito e amor dos alunos, me valorizando e demonstrando isso em palavras e atitudes, procurando agradar com lembrancinhas ou levando alguma quitanda que haviam feito para eu experimentar.

Atualmente, vendo tudo isto sinto a responsabilidade que tenho, pois mesmo com tantas dificuldades, problemas familiares, doenças, continuam firmes e não desistem do sonho de aprender a ler e escrever.

Acredito que esta força vem dos constrangimentos pelos quais passaram na vida, como a aluna Fátima que não sabia em qual ônibus entrar e ficava perguntando as outras pessoas que estavam no ponto o destino de cada ônibus que passava. O aluno Márcio, muito prosa, baiano, que não conseguia preencher a passagem na rodoviária ficando muito envergonhado diante da situação.

Dentre tantos acontecimentos, um em especial ficou marcado. Durante uma aula de matemática, trabalhando multiplicação, explicava usando

um panfleto de propaganda o valor das mercadorias, destacando qual seria o preço a vista e o preço a prazo.

Foi quando minha aluna Cláudia, com ares de preocupação me disse:

- Professora, mas se é desse jeito que você está falando, agora eu fiz uma descoberta! Meu filho vai pagar caro na televisão que comprou na semana passada, o valor de cada prestação é baixo, mas no final as parcelas da televisão ficarão quase o dobro.

Então perguntei o número de prestações e o valor de cada uma, fizemos as contas e logo ela teve a certeza que pagaria quase o dobro do preço pela televisão.

Naquele momento fiquei pensativa, como algo tão lógico para mim, era uma descoberta para ela? Entendi a importância da matemática, da escola, na vida de cada aluno ali presente.

Na semana seguinte, logo no início da aula, Cláudia contou aos colegas, toda satisfeita, que tinha ido à loja e com algumas economias, ajudou o filho e conseguiu pagar a televisão à vista.

- Professora, se não fosse aquela aula, meu filho continuaria pagando as prestações e outra novidade, depois dessa lição ele também resolveu voltar para a escola. - Disse Cláudia.

São muitas histórias, muitos acontecimentos, muitas descobertas...

Outro aluno, o senhor João, 62 anos, alegria em pessoa, não faltava em nenhum passeio. Há 40 dias em coma e a frase que sempre dizia:

Precisamos viver um dia de cada vez, como se fosse o último!

São muitos também os momentos alegres e tristes, como o caso da aluna Ana, que foi internada após sofrer um AVC. Quando se recuperou um pouco, mesmo com muita dificuldade, não queria faltar, então sua filha começou a levá-la, sentava ao seu lado e ajudava durante as aulas. Era visível a felicidade no rosto de Ana, simplesmente por estar ali, presente.

Enfim, posso dizer que entrei na AJA para ensinar, mas com a certeza de que muito aprendo a cada dia. Reconheço a luta, a força, a fé que

cada aluno traz. Sei que ainda tenho muito a contribuir com a formação de meus alunos.



## APRENDIZADOS PARA UMA VIDA

Suzilaine Michelle da Silva

Ser professora sempre foi uma certeza que tive. Já com nove anos e a experiência de ter tido excelentes e carinhosas professoras pelo caminho, resolvi que um dia quando crescesse seria professora. Tal decisão enchia minha mãe de orgulho e foi tomando cada vez mais espaço e sentido em minha vida. Aos quinze anos ingressei no curso magistério e daí em diante o objetivo estava cada dia mais próximo de ser alcançado.

A experiência de estar diante de olhinhos atentos e sedentos por aprender foi o começo. E tão logo o tempo foi passando, mais e mais crianças iam contribuindo para que eu aprimorasse na profissão escolhida, porque o curso ensina sim e muito, mas a prática diária é a nossa verdadeira formação. E nessa caminhada deparei-me com a educação de adultos. No início, um grande desafio, porém depois do medo e receio surge uma nova e imensa emoção que crescia todo dia e era alimentada por tamanha importância na vida de cada uma daquelas pessoas. Esse tempo passou logo, era apenas temporário tal trabalho.

Como disse Cora Coralina “Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”, percebi que a educação de adultos é muito mais do que ministrar aulas, é uma troca incessante de energias que nos faz bem, é um aprendizado que não vemos em livro, uma diversidade que não é apontada em curso jamais presenciado. Tal experiência nunca mais saiu de mim até que novamente tive a oportunidade de estar em meio à alfabetização de adultos.

Passei por algumas escolas e muitos alunos nos marcam, mas como tudo na vida uns se fazem sempre presentes. Aquele senhor humilde, tão ágil na construção de casas e esperto nos negócios revelava-se tão despreparado no mundo letrado. Não sabia sequer assinar o próprio nome completo e de forma legível. Que vergonha carregava dentro de si por não saber ler e escrever. Quantas vezes sentiu a humilhação em sua face por não conseguir passar uma lista escrita de materiais necessários a seus clientes? Como poderia, depois de anos de trabalho duro, agora já menos atarefado, poder ajudar seus netos nas tarefas escolares, se não sabia o básico para lhes ensinar? Foi quando ficou sabendo das aulas na escola no neto e não se

intimidou, buscando por aquilo que ainda lhe faltava. Depois de 65 anos vividos, eis que o senhor José Martins sentava-se numa cadeira de escola, buscando o conhecimento que não tivera oportunidade quando criança.

Lembro-me do seu grande esforço para traçar as letras e também da felicidade que foi escrever seu nome completo sem ajuda. Sua felicidade em cada dia e aprendizado vinha com muita gratidão à professora. Mesmo reforçando que ele aprendia por seu próprio esforço, fazia ele questão de ressaltar a importância da professora. Começou então a levar para escola e presentear-me com chuchu colhido em sua horta. Isso mesmo soube que eu gostava de chuchu e levava-me quase toda semana. Assim foi sendo o aprendizado das letras, palavras e frases. O conhecimento foi sendo ampliado e não era mais aquela pessoa tão sofrida na vida.

Os dias foram passando e aquele aluno sempre foi um grande exemplo pra mim, mas outra vez foi preciso deixar meus alunos, pois a família precisava de minha presença mais constante. O senhor José, e tantos outros, ainda encontrava pelas ruas do bairro. O carinho e preocupação eram constantes e, mesmo que eu quisesse, jamais eu poderia esquecer aquele homem. Por tempos ainda nos vimos e sempre trocamos conversas.

A vida é cheia de surpresas, umas boas e outras nem tanto. Foi numa dessas surpresas que eu senti imensa tristeza, pois ao abrir o jornal certo dia vi a foto daquele senhor na página de obituário. Num final de semana que ele e sua família estavam em festa, num momento de diversão, o senhor José se arriscou a jogar um futebol com os amigos e familiares. Por obras do destino ele sofreu um infarto, sem chances de salvar-se. Aquele senhor que vivera tanto tempo, trabalhara duro e realizara muitos dos seus desejos, partia desse mundo. Mas por mais uma vez e talvez a última dava exemplo de que a idade não devia ser impedimento para a realização de nada. Provava a todos que a vida precisa não apenas ser vivida, mas ser bem vivida.

Hoje, depois de alguns anos volto para a alfabetização de adultos, na certeza de que há muitas histórias de tamanha grandeza a serem contadas. E principalmente, histórias que como a do senhor José Martins não serão apenas contadas, mas que ficarão eternamente gravadas em meu coração.

## A CARTA

Tânia Aparecida Robuste

Dar aula na Alfabetização de Jovens e Adultos é gratificante e prazeroso. É necessário que o professor respeite as peculiaridades de cada aluno, valorizando a experiência de cada um, integrando-os na vida escolar, ampliando assim o universo cultural por meio da socialização, de modo a sentirem-se motivados e perseverantes no caminho do aprendizado.

Sempre tive como meta conseguir transformar, pelo menos um pouco, a vida dos meus alunos. Ser marcante e inesquecível na vida deles, reascendendo a cada dia a esperança por uma educação melhor e por uma sociedade mais justa e democrática.

Foram muitos momentos marcantes durante minha trajetória. Destaco aqui um que me marcou profundamente.

Em uma noite, na sala de aula, realizamos uma roda de conversa em que todos deveriam dizer o motivo que retornaram, ou mesmo que os fizeram iniciar os estudos:

- Eu quero tirar carta.
- Quero ajudar meu filho na escola.
- Pretendo ler a bíblia.
- Quero arrumar um emprego melhor.
- Eu quero deixar de sujar meus dedos com tinta quando preciso assinar, fico muito envergonhada de ter que carimbar meu dedo no lugar da minha assinatura.

Foram várias respostas, o que me chamou atenção, foi quando cheguei em Júlia, muito jovem ainda, penso que seria a mais jovem da sala, com um olhar muito triste e distante, muito constrangida diante de todos, disse com a voz embargada:

- Professora, preciso aprender a ler e escrever para não ser mais enganada.

Encorajei-a a continuar.

“Há alguns anos, eu estava apaixonada por um rapaz estávamos namorando, mas ele precisou mudar de cidade por causa do trabalho e prometeu

me escrever. Eu não contei a ele que não sabia ler, tive vergonha, então disse que tudo bem, iríamos nos comunicar através de cartas. Nos despedimos com muita tristeza e fizemos várias promessas e juras de amor. Bem, como tinha uma grande amiga, fiquei tranquila pois pediria a ela para escrever e ler as cartas para mim, eu estava confiante. Passados algumas semanas recebi uma carta e corri para minha amiga para que lesse em voz alta. Ela começou a ler e para minha surpresa ele terminou tudo comigo disse que não era aquilo que ele queria, que tinha se enganado com seus sentimentos, e que já estava namorando outra. Enfim terminou comigo por carta, que decepção, fiquei muito mal, sofri muito por vários meses, não queria ouvir falar dele, não queria vê-lo nunca mais. Minha amiga, não sei porque, se afastou de mim, fiquei sozinha, sem namorado e sem a melhor amiga. Um belo dia, criei coragem e mostrei aquela carta para a minha patroa, e ela, em voz alta leu a carta para mim. Nossa! Até parecia outra carta. Uma carta de amor, cheia de saudades. Aí, vi que minha ex amiga havia lido mentiras para mim, ela me fez muito mal. Por isso, quero aprender a ler e a escrever, para nunca mais ser passada para traz”.

Fico pensando.... Quantas pessoas foram enganadas por não saberem ler e escrever?

## QUE HORAS SÃO?

Vanessa de Oliveira Nogueira Leme

A aula era sobre o uso dos diálogos e sinais de pontuação, para isso utilizamos o recurso das Histórias em Quadrinhos. Selecionei uma tirinha dos Irmãos Metralha. Mesmo sabendo que meus alunos ainda não liam com autonomia, pedi que observassem a tirinha e lessem a partir da imagem que viam.

A tirinha era assim:

Um dos Irmãos Metralha falou para o outro:

- O tio Patinhas está vindo, vamos roubar a mala cheia de dinheiro que está na mão dele!

Tio Patinhas foi se aproximando e os Irmãos Metralha viram que ele estava acompanhado de dois seguranças fortes e armados de metralhadoras.

Os Irmãos Metralhas engoliram seco e um deles disse disfarçando:

Que horas são?

Meus alunos tinham entre vinte e três e oitenta e cinco anos e estavam todos concentrados na leitura e eu os observava atentamente, os olhos deles brilhavam diante do texto.

Assim, comecei a fazer perguntas referentes à tirinha:

- Quais os personagens aparecem no primeiro quadrinho da história?

- Os Irmãos metralha! – Responderam confiantes.

Continuei:

- E qual é a intenção deles?

- Roubar o dinheiro do tio Patinhas.

- E quando perceberam que o tio Patinhas estava com os seguros, os Irmãos Metralhas disseram o quê?

Nesse momento da aula, o aluno Cláudio, um alagoano que veio para Franca há pouco e ainda tinha muita dificuldade para ler e interpretar, todo animado e bastante seguro respondeu:

- Que horas são?

Eu olhei para o relógio e respondi:

- São 21h15 minutos, mas vamos continuar a aula. O que um dos Irmãos Metralha disse mesmo? – Eu insistia na pergunta.

Todos ficaram em silêncio quando dona Leontina, uma senhora de 82 anos, soltou uma gargalhada gostosa e fazendo com que todos gargalhassem também.

Durante uns 20 segundos fiquei sem entender a reação deles, foi quando percebi que Cláudio havia lido, interpretado e respondido a pergunta com tanta naturalidade que eu a “professora” não havia acreditado e notado o quão ele estava envolvido na aula.

Gargalhamos. E percebi que trabalhar com adultos interessados na aprendizagem é muito mais que ensinar conteúdos. É se envolver, se encantar e surpreender.

Com poucos meses na Alfabetização de Jovens e Adultos, ainda não havia percebido como os alunos são diferenciados e especiais, eles se envolvem, se entregam totalmente a tudo que lhe é proposto, fazendo do aprendizado algo natural e prazeroso. O conhecimento vai além dos muros escolares. As lições de vida nos presenteiam a cada momento.



*AS*

*AUTORAS*



---

## RITA MARTA MOZETTI SILVA

---

Professora com muito, mas muito orgulho. Nascida aos 16 de novembro de.... Casada com o Aluízio, mãe de Isabella e Rafaella. Formada em Pedagogia, Pós-Graduada em Didática para a Modernidade. Diretora de Alfabetização de Jovens e Adultos há 10 anos. Mestranda em “Desenvolvimento Regional” (Já Qualificada) e pesquisa voltada para “Alfabetização da mulher adulta com mais de sessenta anos de idade”. Também leciono em um 5º ano na rede Estadual. E tenho ao meu lado, vinte e oito professoras que não medem esforços para que a AJA realmente cumpra sua missão: alfabetizar adultos.

*“Mas a vida, a vida, a vida, a vida, a vida só é possível reinventada” (Cecília Meireles)*



---

## ADELICE MARIA DEZEM

---

Sou educadora há 15 anos, sempre trabalhei na área de educação, há 10 anos trabalho na Prefeitura de Franca e há 9 anos com alfabetização de jovens e adultos. Esse desafio ajudou muito no meu crescimento profissional, pois eles possuem uma bagagem muito grande de saberes e estão sedentos por enriquecer conhecimentos. Meus alunos da AJA possuem uma sabedoria invejável e concordo plenamente quando Paulo Freire disse que “Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes”; e diante desta diversidade vamos produzindo conhecimentos.



---

## ANDREIA RODRIGUES THIMÓTEO

---

Sou professora há quinze anos, sempre trabalhei apenas com crianças de quatro a sete anos de idade, até ingressar no universo da Alfabetização de Jovens e Adultos. Trabalhar com esses educandos é estar em constante estado de encantamento, buscando a alegria e a realização dos sonhos de cada um e, nesse processo, realizando meus próprios sonhos profissionais. Sou e serei eternamente grata a Deus e a Rita Mozetti por tão maravilhosa oportunidade.



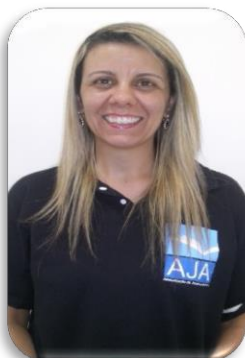


---

## **ADRIANA PEIXOTO DA SILVA**

---

Há algum tempo sou professora e trabalho com crianças e adolescentes. Há dez meses que sou professora também da AJA e sinto uma gratidão enorme ao trabalhar com os jovens e adultos.



---

## **ANDRESSA CLÁUDIA DE CASTRO**

---

Trabalhar com pessoas especiais é sem dúvida, se tornar especial a cada dia. Meus alunos não tiveram oportunidade de estudar quando crianças. Vários motivos os impediram de continuar os estudos. Me despedi da AJA, mas não consegui ficar muito tempo longe, retornei no segundo semestre deste ano e estou com uma turma desafiadora e todos os dias, diante dela sinto o mesmo frio na barriga, a mesma ansiedade do primeiro dia.



---

## **ELOIZA CRISTINA RONCARI**

---

Tenho 48 anos. Sou formada em Pedagogia, História, pós-graduada em Gestão Escolar e Psicopedagogia Clínica e Institucional. Trabalho há vinte anos na área da Educação, atualmente leciono para crianças de 4º ano para os jovens e adultos da AJA.



---

## **GENOVEVA DE JESUS HONÓRIO NAZAR**

---

Genoveva, nome herdado de minha avó materna, pois, quando nasci, fui pega nos braços por ela e “essa menina terá o meu nome, só que será chamada de Vevinha”. Meus pais não ousaram desapontá-la. No começo achava um nome com cara de gente velha, mas com o tempo me acostumei e hoje gosto muito e não tenho como não o remeter a ela, minha avó, com muitas saudades. Minha vida acadêmica iniciou-se em São Tomás de Aquino, terra mineira e terminei em Franca, onde me formei e comecei a lecionar. Já exerço a profissão há anos, com crianças do ensino fundamental e AJA com muito gosto. Não me vejo fazendo outra coisa. Ser professora me fez crescer como ser humano, pois lembrando Guimarães Rosa “ensinar é de repente aprender”, e como se aprende lidando com pessoas. Sou casada, tenho duas filhas; sinto-me realizada, agradecida pelas dádivas recebidas



---

## **GRACIA REGINA GONZALES OLIVEIRA**

---

Cursei o Ensino Médio em duas modalidades, científico e magistério, porque na verdade não pensava em ser professora, e sim fazer vestibular para medicina, como de fato ocorreu, prestei várias vezes e não consegui devido há várias situações emocionais que aconteceram nesse percurso. Até que desisti da área médica. Minha mãe dizia que queria uma filha professora, por isso cursei o magistério. Atualmente sou professora de um 5º ano e no período da noite me dedico a alfabetizar jovens, adultos e idosos.



---

## **JÂNIA ESTELA DA SILVA**

---

Tenho 50 anos de idade, bem vividos. Muita luta, mas muitas conquistas e aprendizado. Há três anos sou professora da AJA e me realizo plenamente como alfabetizadora de jovens, adultos e idosos. Trabalho que me torna o meu dia a dia mais feliz.



---

## **JULIANA REZENDE GANZAROLI**

---

Sou professora na rede municipal de Franca há quatro anos, sempre trabalhei com criança, há um ano surgiu um novo desafio em minha vida: alfabetizar jovens e adultos. E como nos disse Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Assim é o trabalho na AJA, aprendemos muito com nossos educandos.



---

## **KAMILA LIS FERREIRA**

---

Sou professora no ensino fundamental há 5 anos. E há 1 ano e meio leciono na Alfabetização de Jovens e Adultos. Trabalhar com crianças e também com adultos têm se tornado um desafio, pois são formas diferentes de se trabalhar, pois confirma a tese, de que a criança está no momento fértil para o aprendizado. E, o adulto embora tenha um conhecimento de vida muito amplo, apresenta maiores dificuldades para o ensino aprendizagem, exigindo assim uma maior flexibilidade nas propostas de aula. É um privilégio fazer parte da história de vida de cada aluno e é com satisfação que vejo cada conquista alcançada por eles.



---

### **LIDIANE CRISTINA DOMINGOS MELO**

---

Sou professora alfabetizadora há cinco anos, e posso afirmar que estes foram os anos mais gratificantes da minha vida, sentir que posso transformar vidas e ao mesmo tempo ser transformada, que o aprendizado é uma via de mão dupla, no qual todos podemos aprender e ensinar. Trabalhar na AJA trouxe ainda mais o brilho e a consistência desta parceria nesta belíssima trajetória de ensino- aprendizagem.



---

### **LÍVIA APARECIDA SALES SILVA**

---

Sou professora há 11 anos, sempre trabalhei com crianças, porém há 7 meses surgiu a oportunidade de trabalhar com a alfabetização de jovens e adultos. Estou encantada com novos horizontes que a AJA oferece e a cada dia ensinar e aprender



---

### **LUCIANA VASCONCELOS**

---

Casada, 40 anos de idade, três filhos. Professora na rede Municipal de Franca a treze anos e na AJA a três anos. Sempre fui apaixonada pela minha profissão. Desde de pequena quis ser professora. Lecionar é minha vida, minha inspiração e depois que conheci a AJA, minha motivação só aumentou. Meus alunos me fazem ter vontade de ensinar. Neles encontrei o respeito que hoje quase não existe pelo professor.



---

### **LUCINÉIA EURÍPEDES MARTINS**

---

Nasci em Franca no ano de 1974, tenho um filho de 14 anos chamado José Augusto e moro em Cristais Paulista. Cursei o magistério em 1994 na Escola Torquato Celeiro, quando comecei minha carreira de educadora. Conclui a faculdade de Pedagogia, Letras e Pós- Graduação em Alfabetização e Letramento. No ano de 2017 completei 20 anos de sala de aula, sendo 11 anos dedicados à Alfabetização de Jovens e Adultos.



---

## MARA DENISE DE FIGUEIREDO

---

Funcionária da Prefeitura desde 1985 como escriturária. Iniciei em 1991 lecionando para os “pequeninos” (infantil) e também no administrativo (acumulando cargo), mas depois decidi que iria ser mesmo professora, resolvi prestar o concurso e estou até hoje. Tenho muito a agradecer a diversas pessoas que passaram pela minha vida e contribuíram para meu crescimento profissional e pessoal. Não esquecendo dos que já se foram e dos que continuam me apoiando diariamente. *“Inicia as atividades diárias pensando em Deus e agradecendo as tuas possibilidades de fazer o bem” (Chico Xavier).*



---

## MARGARIDA MORAIS DE LIMA

---

Sou professora há vinte e poucos anos, sempre trabalhei com criança, mas há três anos um novo desafio surgiu em minha vida: alfabetizar jovens e adultos. Trabalhar na AJA fez toda diferença na minha vida. Às vezes o cansaço toma conta na saída para escola depois de já ter trabalhado um período com as crianças, mas é na AJA que recarrego energias, muitas vezes, ao som de um violino.



---

## MARIA LÚCIA FERREIRA DE JESUS

---

Professora na Alfabetização de Jovens e Adultos há três anos, pude ver inúmeros acontecimentos motivadores dentro da sala de aula que, aliás, é uma verdadeira oficina de vivências e experiências. Ser professora na AJA certamente é para aqueles que estão dispostos a viver grandes emoções. A AJA nos ensina, através de seus alunos, que sempre vale a pena lutar um pouco mais. Transformo-me a cada dia, e me realizo enquanto professora.



---

## MARILDA BERNABÉ PEREIRA

---

Sou professora há vinte anos, sempre trabalhei com a alfabetização na Educação Infantil e há três anos sou alfabetizadora de jovens e adultos. Tenho como meta de vida a arte de educar. Hoje, sinto-me realizada, pois minha paixão é trabalhar junto à AJA que me proporciona uma valorização e satisfação profissional.



---

## **MARTA CARAMORI**

---

Sou professora há cinco anos e sempre trabalhei com crianças, mas há dois anos iniciei na alfabetização de jovens e adultos. Sempre acreditei que com a educação podemos resgatar vidas e despertar sonhos. Enxerguei nessa profissão a possibilidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual. Afinal, como disse Gabriel Chalita: Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamante.



---

## **RENATA APARECIDA DE ALMEIDA**

---

Sou professora há doze anos, sempre trabalhei com crianças, mas há oito anos me dedico a Alfabetização de Jovens e Adultos. Esse novo desafio me faz sentir valorizada como professora. Sei que é grande a responsabilidade, pois a minha missão é ajudar a realizar sonhos e a transformar vidas. Esse é o meu trabalho e me orgulho muito.



---

## **RENATA CRISTINA CINTA NASCIMENTO**

---

Há 20 anos me formei para ser professora, fiz Magistério, logo comecei a trabalhar com crianças. E nesta caminhada de grandes desafios surgiu a Alfabetização de Jovens e Adultos. Encantei e me sinto uma profissional valorizada pelo trabalho que realizo. Aprendo enquanto ensino. As histórias de vida são verdadeiras lições de amor.



---

## **ROSELI APARECIDA BARCELOS**

---

Sou professora municipal há 30 anos, sempre trabalhei com crianças e comecei a lecionar na AJA após ouvir outras colegas de trabalho falarem da gratificação de ensinar alunos jovens e idosos. Assim, me tornei professora da Alfabetização de Jovens e Adultos, há 12 anos.



---

## **ROZA MARIA SILVA**

---

Tenho vinte e quatro anos de magistério e vinte anos na Alfabetização de Jovens e Adultos. Gosto muito de trabalhar com a AJA. Vejo todos os dias, a gratidão estampada nos olhos dos alunos. Sinto-me valorizada. Eles acreditam que estamos fazendo um grande favor tendo paciência de ensiná-los a ler e escrever, não percebem o quanto isso é gratificante para quem ensina. Quando estou lecionando para os adultos reponho minhas energias na força de vontade deles.



---

## **SILVIA VENÂNCIO DA COSTA SÍMARO**

---

Sou professora há aproximadamente vinte e cinco anos, sempre trabalhei com crianças, mas há dois anos aceitei um novo desafio: alfabetizar jovens e adultos. É um trabalho gratificante, pois ensinar quem deseja aprender é animador e acredito que Paulo Freire tinha razão ao dizer que o homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém.



---

## **SUZILAINE MICHELE DA SILVA**

---

Sou professora há quinze anos e a educação de jovens e adultos entrou na minha vida bem no começo de minha profissão. Porém foi preciso dar uma pausa e eis que voltei neste 2017. Sinto que dar aulas a esse grupo, que por diversos motivos não puderam estudar, é um desafio e um verdadeiro presente. São muitos saberes trocados, se por um lado esforço-me para passar o conhecimento acadêmico, por outro lado recebo todos os dias, lições de ânimo, garra e superação. “É preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania”, dizia Paulo Freire. Assim, acredito que nunca é tarde para semear e colher os doces frutos.



---

## **TÂNIA APARECIDA ROBUSTE**

---

Sou professora há 21 anos, há 16 anos trabalho com a AJA. Um trabalho desafiador, mas gratificante e prazeroso, o melhor de tudo é compartilhar com meus alunos o sabor da vitória, do esforço, das etapas vencidas, e da alegria ao resgatar o tempo, inserindo-os no mundo da leitura e escrita.



---

## **VANESSA DE OLIVEIRA NOGUEIRA LEME**

---

Sou professora há 12 anos, sempre trabalhei com crianças, mas tive a oportunidade de realizar um novo trabalho, encantador e prazeroso: alfabetizar jovens e adultos. Trabalhar com esse público me faz acreditar na minha profissão, pois vejo o desejo de aprender, a força de vontade e determinação de cada aluno e a vontade de superar seus próprios limites.



# *MÚSICAS*



## **AMOR PELA VIDA**

**Letra: depoimentos de educandos da AJA**

**Organização: Rita Mozetti**

**Música: Valdir Rosa**

Eu tenho muito sonhos  
Posso ir além do que imaginava  
Eu venho da esperança  
E vou pra longe, longe e bem mais.

Eu quero estudar, compreende e falar com certeza o que penso  
E não mais ter vergonha de me expressar  
Inteirar de meus direitos e deveres  
Tirar a carteira de habilitação  
Socializar  
Ler a Bíblia  
Escrever o meu nome  
Entender as coisas que estão escritas ao meu redor  
Eu tenho força, gratidão e fé em Deus.

E eu preciso saber  
Evoluir nunca é demais  
Vou segurar com as duas mãos  
Vou conhecer este mundo colorido  
E sair da escuridão

**AJA, AJA, AJA, AJA**  
**É recomeçar, recordar, aprender**  
**Se realizar**  
**É amor pela vida.**

**Eu tenho muitos sonhos...**

## **SONHOS PARA REALIZAR**

**Letra: Rita Mozetti e Paulo Gimenes  
Música: Paulo Gimenes**

AJA

Sonhos pra realizar  
Saberes pra compartilhar  
Haja um mundo pra se desvendar

Ler e escrever, aprender a calcular  
Ver e compreender, ouvir e interpretar  
Entender o mundo  
E dele participar

**AJA**

**Sonhos para realizar  
Saberes pra compartilhar  
Haja um mundo pra se desvendar.**

Quero ler a Bíblia, um livro, um jornal  
Ter opinião e carteira de habilitação.  
Pertencer ao mundo  
E ser um cidadão.

AJA

Sonhos para realizar  
Saberes pra compartilhar  
Haja um mundo pra se desvendar

Vivendo em plenitude, na procura do saber  
Porque nunca é tarde, pra ser um aprendiz  
Conhecer o mundo  
E assim ser mais feliz.

AJA

Sonhos para realizar  
Saberes pra compartilhar  
Haja um mundo pra se desvendar.



*ÁLBUM  
DE  
FOTOGRAFIAS*







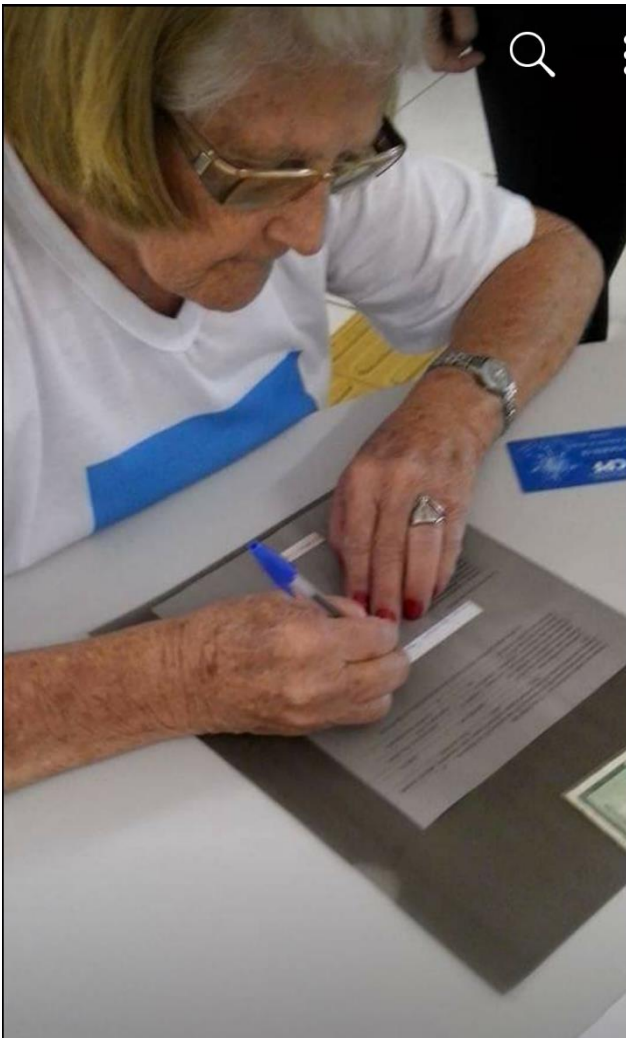






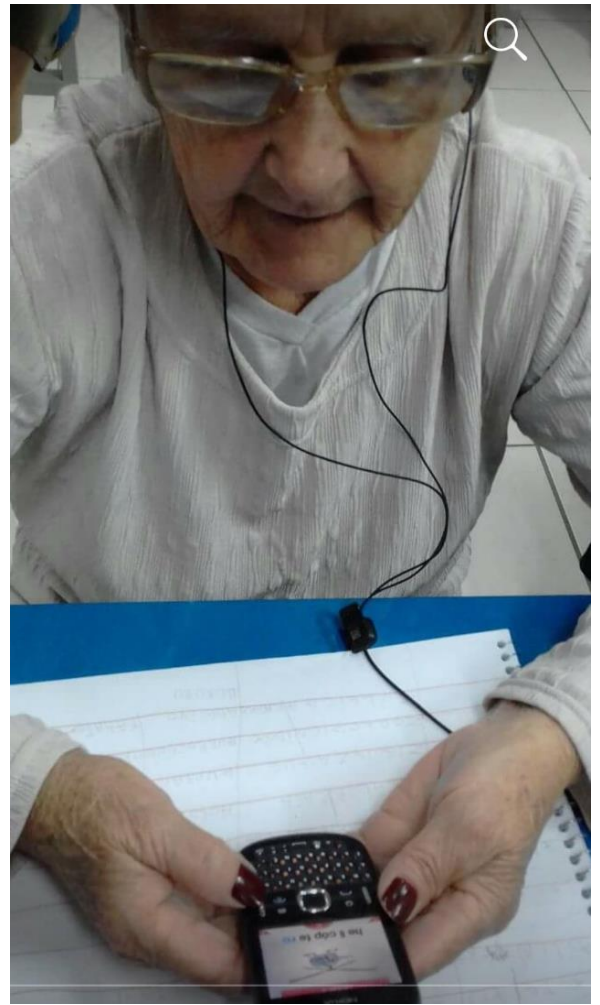




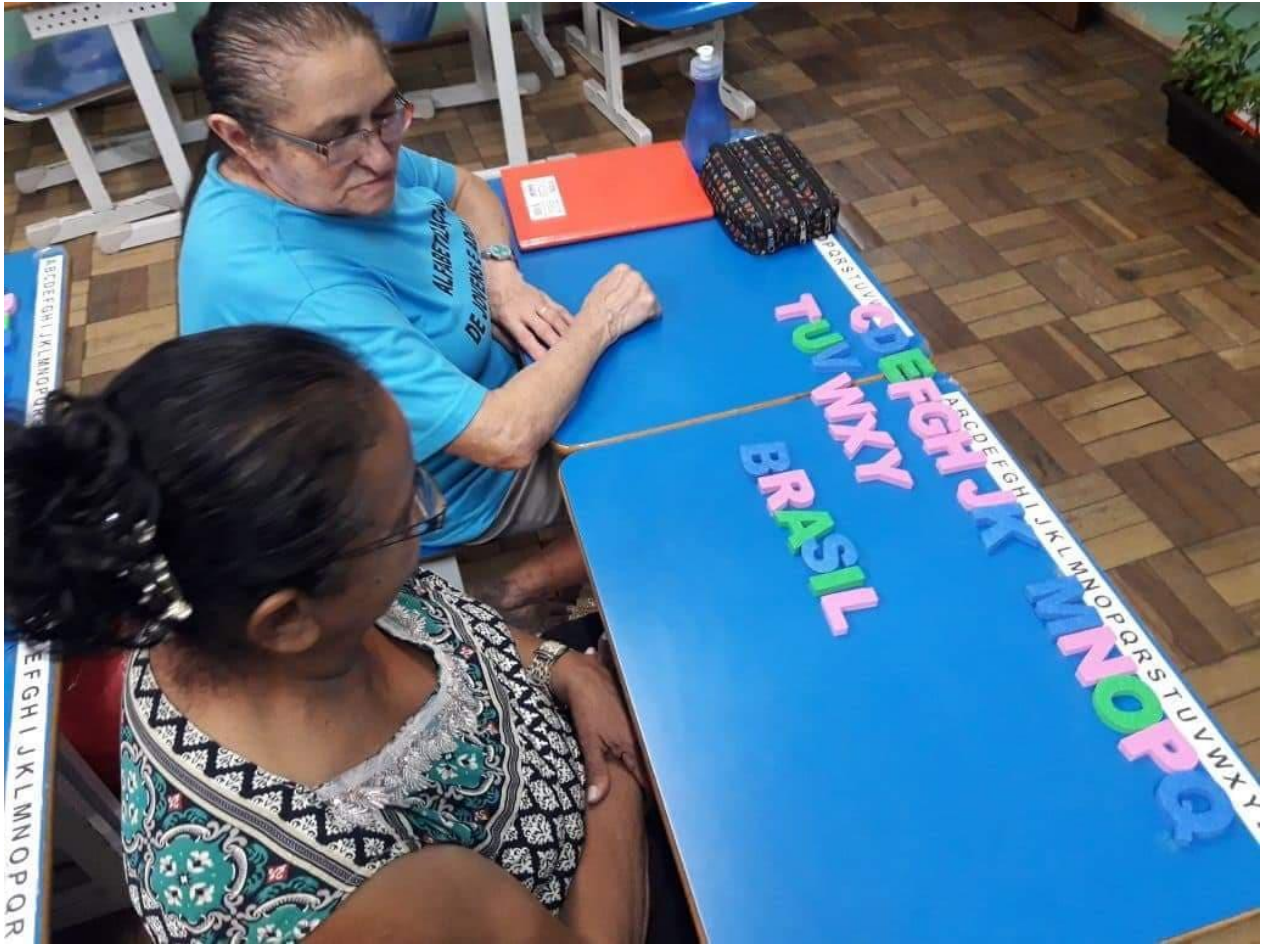












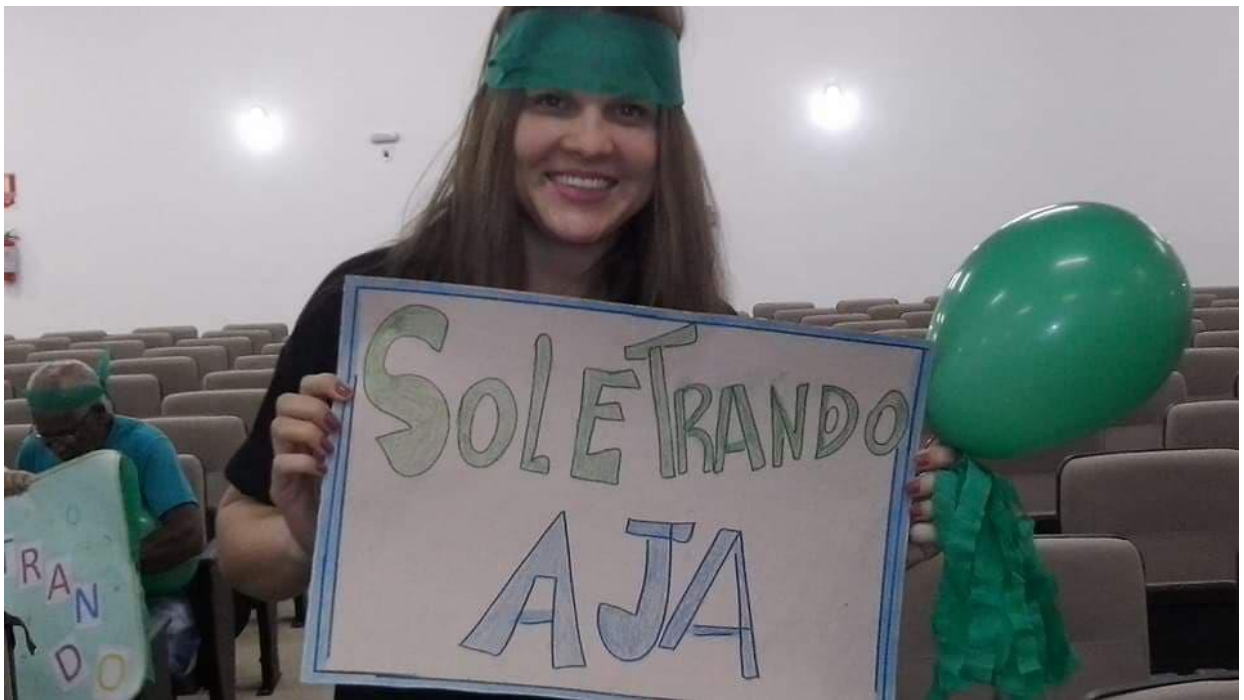




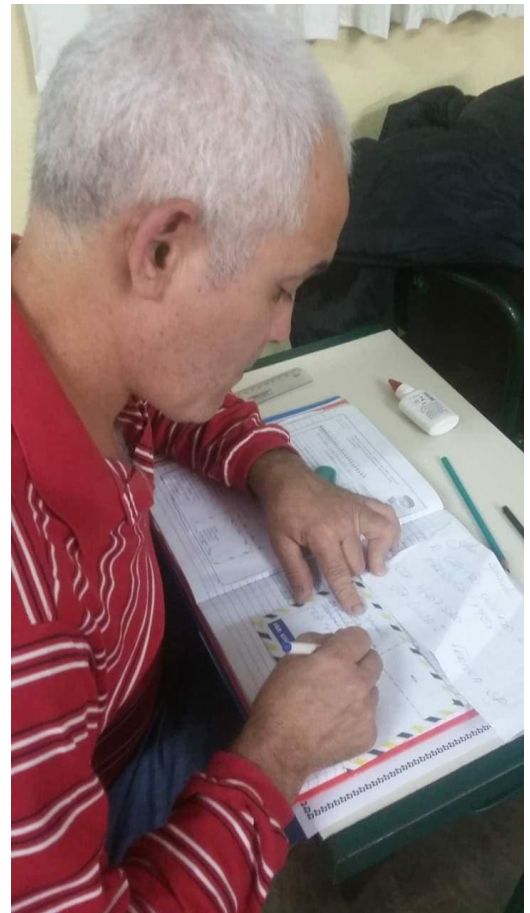














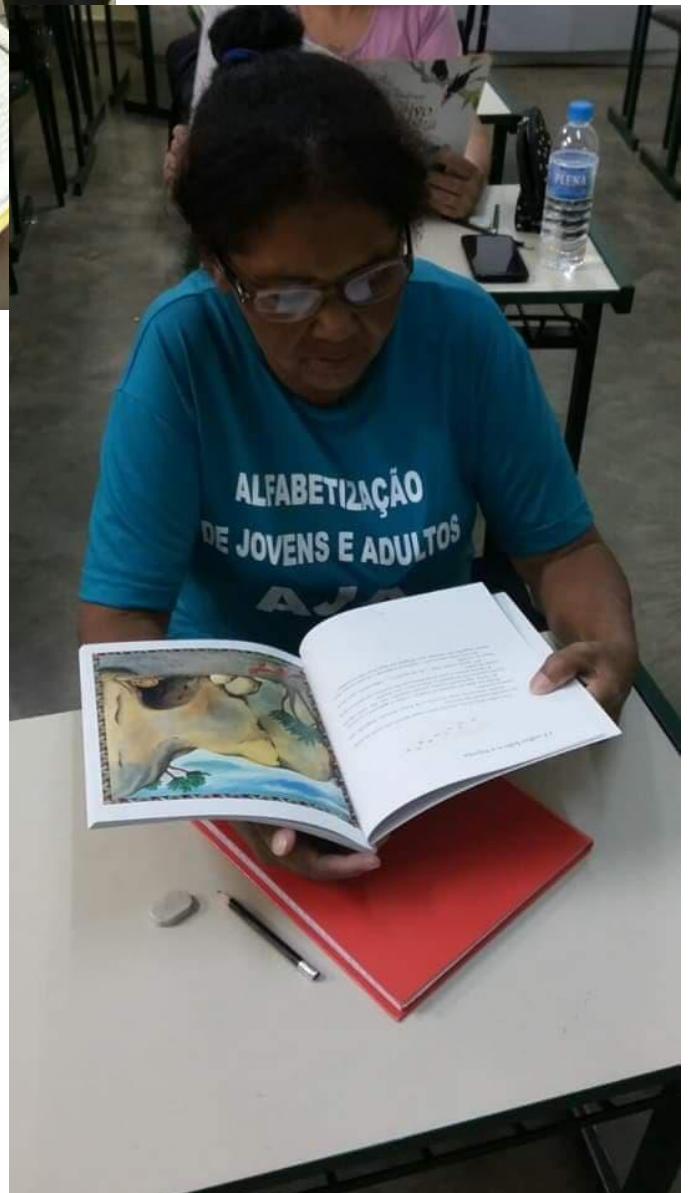
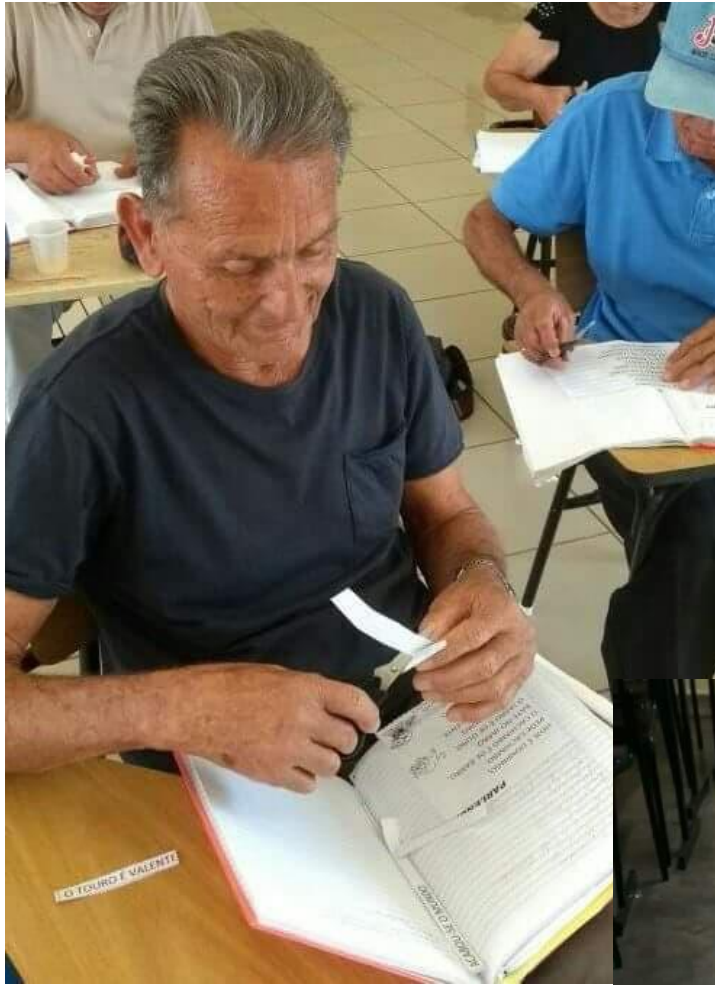






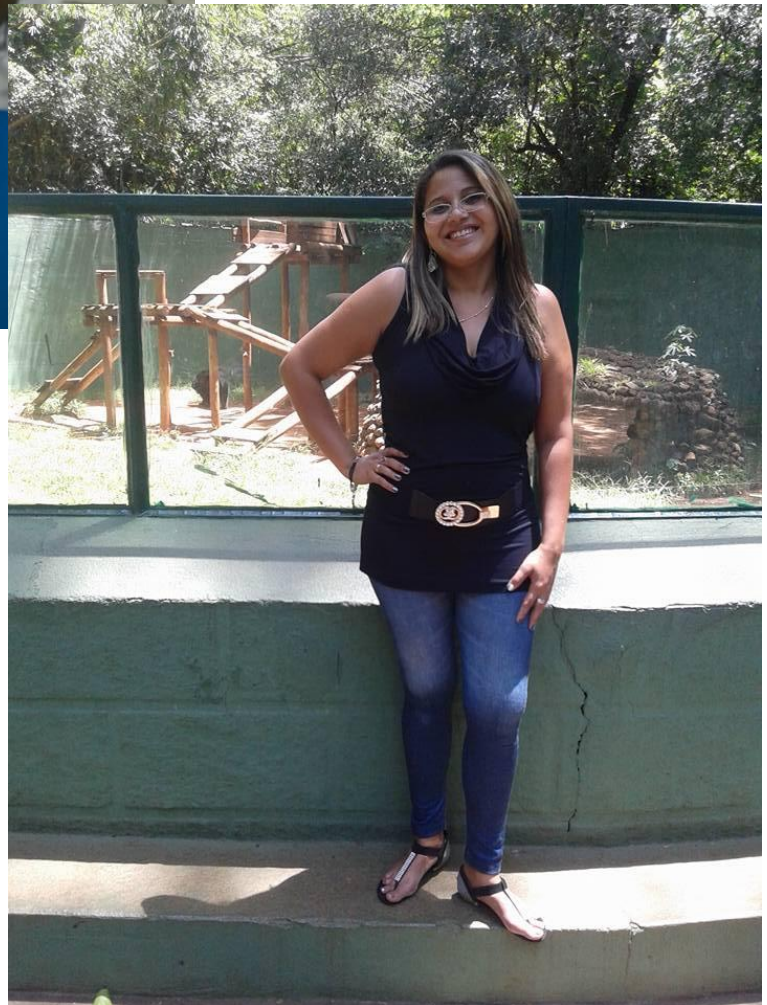




























## **MISSÃO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- AJA**

“Garantir Educação de qualidade assegurando acesso, permanência e sucesso de todos os educandos: jovens, adultos e idosos por meio da participação, inclusão, equidade e aprendizagem contínua ao longo da vida”.





# ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- AJA

## LOCAIS DE FUNCIONAMENTO

---

### PERÍODO DA TARDE

13h15 às 15h15

**AJA Paróquia Santa Terezinha do Menino Jesus**

Rua Célio Garcia, 750, Jardim Redentor

**AJA Fundação Espírita Judas Iscariotes**

R. José Marquês Garcia, 375 - Cidade Nova.

**AJA CCI Avelina Maria de Jesus**

Rua Alely Antunes de Paula, 1844,  
Jardim Aeroporto IV

**AJA CCI Mário Betarello**

Avenida Moacir Vieira Coelho, 3320,  
Jardim Redentor

**AJA Lar de Ofélia**

R. Ofélia Soares Russo, 994  
Jardim Planalto

---

### PERÍODO DA NOITE

19h às 21h

**AJA EMEB Prof. Aldo Prata**

Avenida Santa Terezinha, 601, City Petrópolis

**AJA EMEB Prof. Florestan Fernandes**

Rua Raquel Jacinto Mesquita, 930, Jardim Vera Cruz

**AJA E.M Antônio Sichierolli**

Rua Prof. Laerte Barbosa Cintra, 929, Jardim América

**AJA EMEB Prof. Paulo Freire**

Rua Luciano Vilaça, 1102, Jardim Aviação

**AJA EMEB Luzinete Cortez Balieiro**

Rua Eunice Carmem Gonçalves Rodrigues, 2555, Jardim Palestina

**AJA EMEB Frei Germano de Annecy**

Rua Fuede Zacarias Cury, 1230, Jardim Progresso

**AJA EMEB Vanda Thereza de Senne Badaró**

Rua Afonso Sanches Simom, 301, Jardim Elimar II

**AJA EMEB Maria Brizabela Bruxellas Zinader**

Rua Wilson Daid, 2640, Jardim Luiza

**AJA Prof. Hélio Paulino Pinto**

Rua Arias Alves Taveira, 6309, Residencial Ana Doroteia

**AJA EMEB Guiomar Ferreira Silva**

Rua dos Guaranis, 1105, Jardim Martins

**AJA E.M Nair Martins Rocha**

Rua Padre Conrado, 1900-Jardim Integração

---

**MAIS INFORMAÇÕES**

- **ESCOLAS MUNICIPAIS**
- **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO:**  
Avenida Francisco Paula Quintanilla Ribeiro, 550- Parque Francal

**Telefone (16) 3711-9228  
Franca-SP**



